

**Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia
Transnordestina**

**Resgate Arqueológico do Sítio Fazendinha
Município de Custódia, Estado do Pernambuco**

**Intervenções Arqueológicas na Capela de São Luiz Gonzaga:
Estudo das Deposições Funerárias e Remanescentes
Humanos Esparsos em Estruturas de Entulho e Aterro**

Termo de Conclusão de Campo

Prof. Dr. Paulo Eduardo Zanettini

Ms. Ângelo Alves Corrêa

Ms. Camila A. de Moraes Wichers

Arqueólogos Coordenadores

Setembro de 2010

Portaria Nº 7, de 28 de Setembro de 2009

Anexo I, 03 - Processo IPHAN nº 01450.011519/2009-24

Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina

**Resgate Arqueológico do Sítio Fazendinha
Município de Custódia, Estado do Pernambuco**

EQUIPE ENVOLVIDA (EM ORDEM ALFABÉTICA)

Ângelo Alves Corrêa, Ms. (doutorando em arqueologia)
Camila Azevedo Moraes Wichers, Ms. (doutoranda em arqueologia)
Catarina Menezes Ferreira (historiadora e técnica em arqueologia)
Carlos Gustavo dos Santos Momberg (cientista social e técnico em arqueologia)
Edinéia Pascoal da Silva (auxiliar de laboratório)
Érica Soares da Silva (auxiliar de laboratório)
Everaldo Gomes Dourado (historiador e graduando em arqueologia)
Fabiana Terhaag Merêncio (historiadora e técnica em arqueologia)
Gilvanir Ribeiro da Silva (auxiliar de laboratório)
Louise Prado Alfonso, Ms. (doutoranda em arqueologia)
Luana Alberto Antoneto (historiadora e mestranda em arqueologia)
Luiz Antonio Pacheco de Queiroz (historiador e técnico em arqueologia)
Paulo Eduardo Zanettini, Dr. (arqueólogo)
Paulo José de Lima (graduando em engenharia ambiental e técnico em arqueologia)
Piero Alessandro Bohn Tessaro (historiador e mestrando em arqueologia)
Roberto Costa de Oliveira (Bacharel em Arqueologia)
Rafael de Abreu e Souza, Ms. (arqueólogo)
Roberta Nazareth Lemes (historiador)
Rodrigo Gomes Angelosse (auxiliar de laboratório)
Sérgio Francisco S. M. Silva, Dr. (arqueólogo forense)
Valdirene do Carmo Ambiel (mestranda em arqueologia forense)

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	4
2. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO SÍTIO FAZENDINHA	6
3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS	12
3.1. Metodologia de campo	12
3.2. Etapa de campo 1 (ano de 2009)	14
3.3. Etapa de campo 2 (Resgate 2010).....	19
<i>3.3.1. Atividades desenvolvidas na Capela de São Luiz Gonzaga</i>	<i>21</i>
<i>3.3.1.1. Arqueologia Funerária: considerações sobre métodos e terminologias..</i>	<i>22</i>
<i>3.3.1.2. Planejamento das intervenções arqueológicas na Capela</i>	<i>26</i>
<i>3.3.1.3. Atividades desenvolvidas em campo.....</i>	<i>29</i>
<i>3.3.1.4. Resultados obtidos</i>	<i>41</i>
<i>3.3.1.4.1. Sepultamentos humanos na área externa da capela</i>	<i>41</i>
<i>3.3.1.4.2. Remanescentes humanos esparsos no material de aterro, interior da Capela</i>	<i>54</i>
<i>3.3.1.4.3. Remanescentes humanos esparsos no material de entulho, ao redor e atrás da capela</i>	<i>54</i>
4. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O SÍTIO FAZENDINHA	55
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

ANEXO 1 - Relação das imagens e objetos sacros da capela

1. INTRODUÇÃO

O presente Termo de Conclusão de Campo (TCC) é devotado exclusivamente à descrição das atividades relacionadas ao resgate desenvolvido no sítio arqueológico Fazendinha, localizado no município de Custódia (PE). O conjunto de ações levadas a cabo nesse sítio se inscreve num escopo mais amplo de Programa de Gestão de Recursos Arqueológicos em desenvolvimento objetivando o licenciamento ambiental da ferrovia Transnordestina, devidamente autorizado pelo Iphan por intermédio da Portaria Nº 7, de 28 de Setembro de 2009 Anexo I, 03 - Processo IPHAN nº 01450.011519/2009-24.

Convém ressaltar que dadas suas especificidades, o resgate no sítio Fazendinha demandou a realização de duas etapas de campo, envolvendo equipes distintas, a fim de darmos conta dos fenômenos observados, bem como o pleno atendimento às demandas técnicas e legais relacionadas à mitigação e salvaguarda do patrimônio arqueológico sujeito a impactos em decorrência da instalação da ferrovia no trecho em questão.

Identificado durante a etapa de prospecções, o sítio foi alvo em 2009 de escavações incidentes sobre unidades habitacionais e áreas de refugio doméstico detectadas (evidências relacionadas aos séculos XIX e XX). Já, em junho de 2010, as atenções estiveram voltadas principalmente ao estudo dos remanescentes esqueléticos associados à capela São Luís Gonzaga, dentro de diretrizes metodológicas e técnicas da arqueologia funerária (ou arqueologia das práticas funerárias).

Nesse sentido, o relatório enfatiza os resultados atingidos com as intervenções promovidas no interior da ermida e em áreas imediatamente adjacentes, incidindo sobre o espaço dito “cemiterial”, reverenciado na tradição oral local. Embora positivada a presença de restos esqueléticos, estes se apresentaram bastante comprometidos do ponto de vista de sua integridade e grau de conservação em função da ação conjugada de fatores naturais e antrópicos. Foram, assim, tendo em vista tais processos de formação, exploradas as possibilidades no que tange ao estudo científico e preservação do patrimônio arqueológico identificado.

Para o desenvolvimento das pesquisas em torno dos vestígios esqueletais foi de fundamental importância a participação da comunidade no processo de investigação, contando-se com a anuência de moradores da localidade para os trabalhos sobre os sepultamentos. A equipe de arqueologia manteve contato com a os profissionais de socio-economia contratados pelo empreendedor, tendo sido estes os responsáveis pelas tratativas e formalizações de acordos para a construção de uma nova capela nas proximidades, em substituição àquela que se pretende demolir em função da implantação da ferrovia.

No entanto, não podemos nos furtar de mencionar que o acordo abarca parcela da comunidade envolvida com a questão, contando-se com discordâncias em relação aos destinos da Capela, notadamente por parte de membros da comunidade do Carvalho que pleiteia, junto à Fundação Palmares, a titulação de terras enquanto remanescentes de quilombolas, dispondo por ora de Certidão de Auto Reconhecimento expedida pela Instituição, aspecto que vem demandando o envolvimento tanto da Transnordestina Logística como da Fundarpe, Procuradoria da República e Iphan, que nos solicitou informações a respeito.

No presente momento vêm sendo desenvolvida a curadoria e análises laboratoriais dos acervos exumados no sítio, cujos resultados serão contemplados no relatório final de resgate do sítio, a ser submetido ao Iphan.

2. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO SÍTIO FAZENDINHA

O sítio arqueológico Fazendinha está localizado em área rural do município de Custódia, com coordenada central UTM 24 L 652282 9100568, conformando, após o conjunto de intervenções, uma área aproximada de 72.749,84 m², delimitado pelas seguintes coordenadas:

Limites	Coordenadas UTM
Norte	24 L 652325 9100718
Sul	24 L 652433 9100525
Leste	24 L 652244 9100437
Oeste	24 L 652131 9100612
Datum: SAD 69	

Num primeiro momento, o sítio sofrerá impactos diretos da obra em dois pontos: um primeiro tendo em vista a instalação da faixa de domínio da linha férrea (trecho circunscrito entre as estacas 40030 e 40045), e um segundo, a nordeste do mesmo, em decorrência da abertura de uma caixa de empréstimo (CX EMP 42A) (**Prancha 1**).

Em linhas gerais, o sítio arqueológico Fazendinha caracteriza-se como um sítio multicomponencial abarcando dois fenômenos distintos no que tange à ocupação humana. Tem-se claramente delineado um horizonte lítico pré-colonial (presença de material lascado e polido, além de suportes rochosos com marcas de abrasão); além de um componente histórico propriamente dito, envolvendo estruturas arruinadas e edificações em uso que remetem ao processo de ocupação continuada da localidade a partir do século XIX até os dias atuais.

O sítio foi cadastrado durante os procedimentos levados a cabo pelas atividades de prospecção dentro do escopo do **Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos da Transnordestina**. Por incidir sobre a faixa de terras a ser diretamente afetada pelo empreendimento, o sítio foi inserido no plano de resgate, sendo realizada uma primeira etapa de campo em outubro de 2009. Sucedeu-lhe a etapa ora concluída, com foco na intensificação da pesquisa e intervenções arqueológicas na área da capela.

Segundo informações orais coletadas junto à comunidade, o sítio arqueológico situa-se na localidade conhecida outrora como sítio Fazendinha, tendo pertencido a Elizeu de Moura Leite (05/05/1882 - †20/01/1963) e Maria Eugênio do Amaral (? - †13/04/1941), embora o proprietário mais conhecido tenha sido o filho Chiquinho de Elizeu - Francisco Moura Leite -, (30/05/1918 - †18/11/1979). Chiquinho foi uma figura proeminente, tendo trabalhado como fiscal na Prefeitura Municipal de Custódia durante muitos anos, e, posteriormente nos Correios e Telégrafos até se aposentar. Casado com Maria do Carmo Lima Leite, Dona Lia, nascida em Florestal, PE, (27/11/1918 - †08/08/1966), filha de João Inocêncio Gomes Lima e Elisa Correia Lima. Dona Lia veio para Custódia por intermédio de seu avô, Major Inocêncio Lima, primeiro prefeito eleito de Florestal (15/08/1936 – 15/05/1939). Em Custódia, Dona Lia trabalhou como tesoureira na Prefeitura municipal, por mais de 25 anos, segundo testemunhos colhidos.

Os filhos e descendentes dos proprietários do sítio Fazendinha ainda permanecem vivos, como o Sr. Sebastião Leite, que reside na casa que foi denominada durante as pesquisas como Casa 1, tratando-se esta de edificação erguida entre 1959 e 1960 – ano quando, aparentemente, os filhos deixam a casa sede outrora existente no local, construindo seus próprios núcleos de habitação, com manutenção dos vínculos estabelecidos pelas relações de parentesco. Segundo o Sr. Sebastião, ele e seu irmão construíram suas residências (Casa 1 e Casa 2) ao redor da velha casa (no final dos anos 1950), composta, originalmente, por cinco quartos e uma cozinha aos fundos (SW da mancha de tijolos que delimita a casa sede).

O conjunto de intervenções devotadas ao resgate gerou um acervo caracterizado por artefatos de produção nacional e forânea, tais como faianças finas, vidros, grés, cerâmicas de produção local/regional, polímeros, metais e vestígios ósseos, permitindo estabelecer uma cronologia prévia de ocupação para o sítio, abarcando os séculos XIX e XX.

A capela São Luis Gonzaga, que compõe o sítio, fora erguida entre meados e último quartel do século XIX, contando com um cruzeiro implantado defronte a sua fachada principal. Tratava-se de uma edificação vernacular característica do semi-árido, tendo conhecido sucessivas intervenções, tanto interna como externamente, processo que se inicia na década de 1950. Do antigo edifício do século XIX, resta hoje apenas parte das fundações e elementos da fachada original sobre a qual se ergue a atual.

As informações orais coletadas na comunidade que ocupa o local apontam que a capela teria passado por reformas por volta dos anos 50. Porém, no final da década de 1970, a edificação já se encontrava abandonada e parcialmente arruinada, prestando-se como “abrigo para o criatório”. Outra reforma teria ocorrido durante o mandato do Prefeito do município de Custódia, Sr. Belchior, entre 1988 e 1992. Nesta reforma, foi construída a escadaria e o passeio na frente da Capela, além de introduzidas modificações na fachada e telhado.

A reconstrução levada a cabo nos anos 1980 pelo poder público municipal, acarretou na deposição de entulho construtivo derivado das reformas no interior e entorno da Capela. Ainda, conforme os relatos obtidos, teriam sido encontrados na época restos humanos em carneiras, os quais foram descartados nos arredores, reinumados pela população ou simplesmente deixados misturados aos montes de entulho. Na área externa ou pátio da Capela, entre a fachada e o cruzeiro, foram relatados diversos casos de inumações por pessoas da comunidade..

Estas constantes consultas às informações da história oral a respeito da localidade apontaram, constantemente, para a presença e origem de ossos humanos no interior da Capela e em seu entorno, o que contribuiu significativamente para a modulação do *design* da investigação nesta porção do sítio arqueológico com função religiosa e presença de deposições funerárias. No que tange a tais restos esqueléticos, foram localizados e escavados 9 sepultamentos humanos, além de fragmentos ósseos de outros indivíduos, estes recolhidos no entulho e aterro gerados pelas intervenções de reconstrução da ermida, material que se encontra em análise.

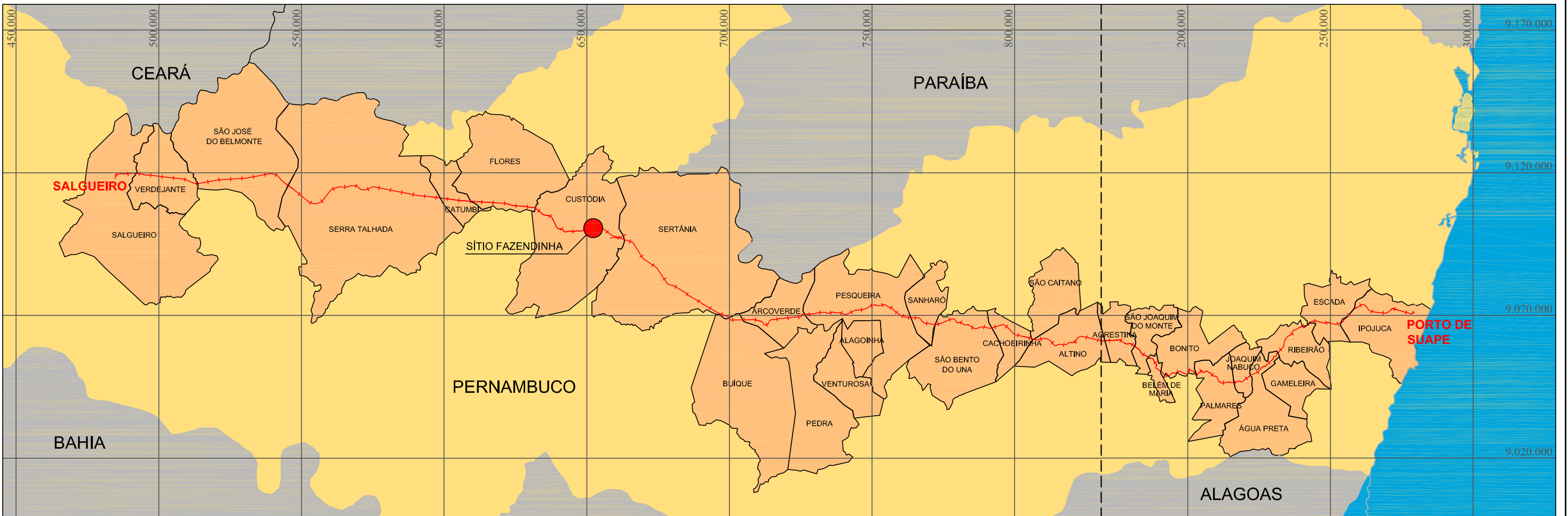
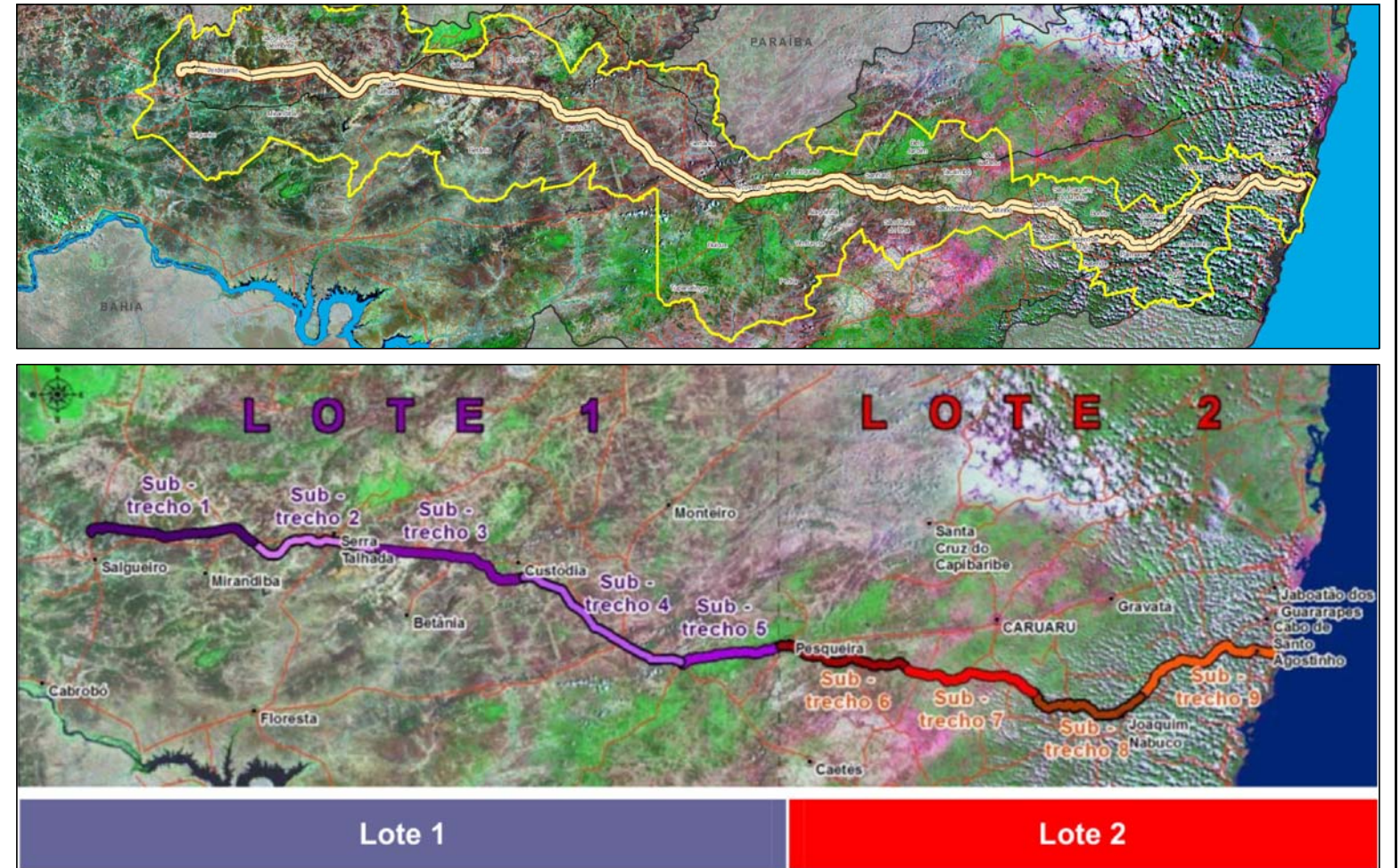
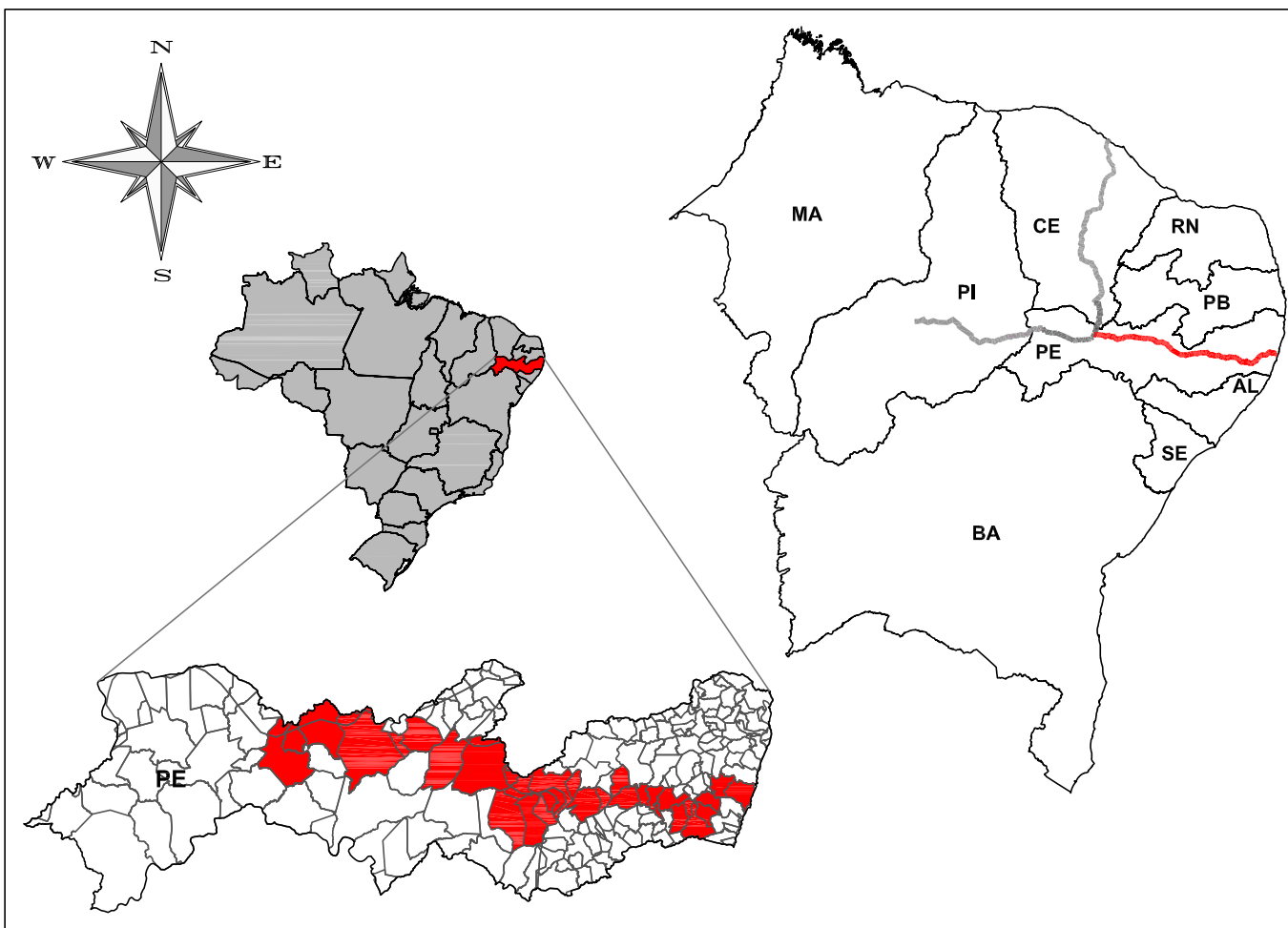
Concernentes a elementos mais recentes que compõem o sítio arqueológico em apreço, conta-se com intervenções contemporâneas nos arredores como a construção da Escola Municipal José de Moura e a área descampada que abriga a vaquejada, além de residências de alguns moradores.

Em síntese, pode-se dizer primeiramente que o sítio arqueológico Fazendinha foi ocupado num *continuum* temporal desde o século XIX, sem levarmos em consideração a apropriação do espaço anteriormente, atestada pelas evidências líticas coletadas, que remetem possivelmente à passagem/instalação de caçadores-coletores mais antigos na área, recuando no tempo a ocupação.

Pode-se afirmar que a história da localidade está intimamente associada, como apontado anteriormente, a formação de propriedade rural pertencente à família Moura Leite, cujos antepassados ergueram uma casa-sede (primeiro elemento agregador) ao redor da qual surgiram outras edificações de apoio e a capela e, posteriormente, as casas dos descendentes (casas 1 e 2).

No entanto, com o passar do tempo, a alteração na composição da família extensa levou à obsolescência e abandono da casa-sede (tendo, inclusive, a mesma sido derrubada em determinado momento), passando a Capela a constituir um novo pólo agregador, ao redor da qual se estruturou, nas últimas décadas, o povoado. Este segundo momento relaciona-se a um processo de reapropriação da capela acompanhada das intervenções devotadas a sua reconstrução.

No bojo deste processo, foi se conformando em seus arredores a Comunidade do Carvalho, que, envolvida com questões identitárias específicas, em interlocução com a Fundação Palmares, foi reconhecida com base no princípio de autodeterminação enquanto comunidade afro-descendente em 2002. Nesse contexto, a capela re-significada tornou-se alvo de interesse por parte da comunidade quilombola (**Prancha 2**).





Capela São Luiz Gonzaga:
a. Vistas gerais da fachada.
b. Vista do cruzeiro.

(fotos: Marcos Issa/Argos, 2010).



3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS

3.1. Metodologia de campo

No estudo da área global do sítio optou-se pela utilização do método de investigação por amostragem em consonância com a metodologia estabelecida para o Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Transnordestina como um todo (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2009).

Adotou-se, portanto, inicialmente, procedimentos básicos, a saber: a abertura de *transects* em meio à vegetação, viabilizando o estabelecimento inicial de dois eixos N-S e L-O que permitiram delimitar a área máxima de dispersão de vestígios; a realização de tradagens e quadras de coleta de superfície sistematicamente distribuídas a cada 20m ao longo dos eixos; aberturas de unidades de escavação de dimensões variadas quando havia presença de materiais em sub-superfície.

As tradagens abertas consistiram em furos feitos com cavadeira articulada, alcançando cerca de 30 cm de diâmetro e profundidade variável, de acordo com o tipo de solo observado, objetivando atingir o embasamento estéril do ponto de vista arqueológico. Vale destacar que todo o sedimento é cuidadosamente verificado em níveis artificiais de 10 cm, dando confiabilidade aos resultados alcançados (conforme proposto por ARAÚJO, 2001). As tradagens também são sistematicamente plotadas em intervalos regulares de 20 em 20 m ao longo dos eixos N-S e L-O, de modo que sua localização coincide com a extremidade NE da quadra de coleta de superfície. Cada tradagem tem como denominação a mesma coordenada da quadra de coleta de superfície.

As unidades de escavação apresentaram no mínimo 1m² e foram plotadas em diferentes áreas do sítio. No caso das unidades que apresentaram uma alta densidade de vestígios, as mesmas tinham suas dimensões ampliadas. Cada unidade recebeu um nome em relação ao ponto de referência, sendo tomada sempre a localização de sua extremidade NE.

Cada área trabalhada foi documentada em um plano de escavação onde foram localizadas todas as intervenções, assim como a localização da estaca de referência. Áreas de escavação foram documentadas em croquis e perfis específicos, com a utilização da tabela *Munsell Color Chart* para descrição do solo.

Para os registros dessas atividades foram utilizadas fichas especialmente concebidas para o projeto envolvendo:

- Ficha de Cadastro de Sítio (com base no CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos): atualização das informações;
- Ficha de Quadra de Coleta;
- Ficha de Tradagem;
- Ficha de Unidade de Escavação;
- Ficha de coleta de material por sítio;
- Ficha de coleta de amostras para datação (C14 e TL) por sítio.
- Plantas baixas (quando houvesse edificações ou ruínas, ou mesmo ecofatos como barragens, jardins, quintais, etc.)

Vasto registro fotográfico e videográfico dos trabalhos executados também foram executados. Dentro das abordagens encetadas no sítio, existem aquelas próprias ao campo forense cujas especificidades são abordadas adiante no item 3.3.1.

3.2. Etapa de campo 1 (ano de 2009)

As primeiras referências ao sítio Fazendinha foram colhidas durante a etapa de prospecção arqueológica do Trecho Salgueiro – Porto Suape. Em 2009, as referências orais coletadas pela equipe apontaram a existência de um local com vestígios de uma antiga casa-sede de fazenda, conhecida emicamente como “Fazendinha”, próxima a qual haveria, ainda em pé, uma capela bastante antiga – que veio a ser, futuramente, a Capela de São Luiz Gonzaga -, “com cerca de 300 anos” segundo a história oral, contentora de enterramentos humanos ao seu redor. Em superfície, a prospecção detectou, além dos remanescentes construtivos, a presença de artefatos móveis bastante fragmentados, cuja cronologia de produção abarcava tanto o século XIX como o XX, e também algumas áreas com vestígios pré-coloniais líticos.

Deste modo, em outubro do mesmo ano deu-se início a etapa de resgate, aplicando-se ao terreno uma malha sistemático-geométrica, organizada pelo eixo NL, com um total de 70 quadras de coleta de superfície e 35 tradagens, dentre as quais 64 quadras positivas e 14 tradagens positivas. Devido as possibilidades de presença de sepultamentos humanos ao redor da Capela, tendo em vista a memória local, o eixo N-L foi estabelecido, no terreno, de modo que as tradagens não incidissem sobre esta zona, a ser trabalhada em etapa posterior mediante um planejamento específico. Após a abertura do eixo central, foi efetuada a primeira linha de tradagens e quadras, com a intensificação de quadras adjacentes ao eixo principal - quando se notou a alta densidade dos materiais dispersos em áreas menores do que a malha de 20m poderia abarcar. Tendo em vista essas características, foram abertas duas outras linhas, paralelas ao eixo L-O, a 10m do ponto central, para intensificar os trabalhos nas áreas de concentração a fim de que se conformasse uma amostra confiável. Foram também, no entanto, abertas algumas quadras em locais estratégicos, como nos quintais das casas do século XX, e sobre mancha específica de materiais do século XIX (na qual foram encontrados cachimbos, contas de colar, etc.).

Com base nestas primeiras linhas de quadras e tradagens, concluiu-se que o sítio atingia, no mínimo, uma extensão de 144m x 200m (área de 28.800 m²).

O sítio em algumas das intervenções apresentou artefatos em sub-superfície, até aproximadamente 60 cm, tendo sido escolhidos pontos para a abertura de unidades de escavação, 1mx1m, num total de quatro UEs. Como lidamos com um sítio multicomponencial, duas das unidades de escavação foram abertas proximamente aos afloramentos rochosos gnáissicos a noroeste, os quais possuíam superfícies côncavas com evidências de polimento e entre os quais foi resgatado um fragmento de lâmina de machado polido.

Além destas, seguiu-se ao registro documental do sítio, com desenho das plantas baixas das edificações que ainda podiam ser observadas seja em ruínas (casa 2) ou íntegras (Casa 1 em uso), e a delimitação dos monturos relacionados uma possível casa de taipa e casa-sede em alvenaria de tijolos, da Capela e da Escola, objetivando a elaboração de carta do conjunto.

Com tais atividades foi possível estabelecer zonas de alta densidade, grande extensão de material em superfície, áreas com a presença de materiais em sub-superfície – além de novas informações orais corroborando a presença de sepultamentos associados a Capela ainda em pé no local -, havendo, portanto, a necessidade de estabelecimento de um plano de ação futuro, para o resgate. Do mesmo modo, estabeleceu-se o plano de intensificação das escavações para o restante da área, notadamente para as zonas dotadas de concentração de refugio doméstico, associadas a crono-espacialidade do mesmo.

Foi possível averiguar, nesta primeira etapa de trabalhos, que a configuração crono-espacial do sítio está relacionada à evolução e as etapas de ocupação daquele espaço, tendo como núcleo irradiador a casa-sede. Deste modo, no que concerne a Arqueologia Histórica, à medida que nos afastamos da casa-sede, os materiais vão tornando-se mais recentes, entrando no século XX, justamente porque os filhos e descendentes dos progenitores vieram a erguer suas próprias moradias, processo que tem como marco temporal meados do século XX. É de se pensar que as demais casas do povoado também tenham se configurado deste modo.

Quanto às áreas de descarte, a presente etapa de campo localizou quatro pontos: uma primeira área de descarte associada a casa-sede (formada por fragmentos de faiança fina, grés, plásticos, grande quantidade de cerâmica, vidros, artefatos metálicos como dedais e vestígios osteodontomalacológicos, com destaque para a grande quantidade de fragmentos de carapaça de tatu-peba e dedais de metal), cuja extensão é bastante grande; uma segunda área quiçá associada aos restos de uma antiga edificação de taipa desmoronada (formada por louças brancas, vidros, cerâmicas, cachimbos e contas de colar), e outras duas áreas formadas pelos descartes em quintais das duas edificações associadas aos filhos do antigo dono do sítio Fazendinha, nas extremidades leste e oeste da malha (Casa 1 e Casa 2).

De posse das evidências materiais coletadas nesta primeira etapa de campo, foi possível, com base em análises qualitativas, estabelecer uma cronologia relativa para a ocupação do sítio, contando-se com artefatos associados a primeira metade do século XIX. É interessante perceber que os dados arqueológicos levantados complementam, e expandem, a compreensão cronológica da ocupação, uma vez que a memória local dos descendentes dos antigos proprietários situam o início da mesma no final do século XIX, enquanto o material arqueológico recua para a primeira metade do século, destarte o imaginário coletivo local que descreve a capela como “a mais antiga do sertão, com cerca de “300 anos”. Mediante a consistência de dados, pautando-se nas concepções teóricas das ditas *alternative narratives*, ou narrativas alternativas (SILVA 2002), e no significado que populações locais atribuem a sítios arqueológicos, é possível que os indícios de ocupações mais antigas para o local, com materiais associados ao começo do século XIX, tenha gerado leituras particulares do passado, relacionando uma memória coletiva específica à fundação da Capela de São Luiz Gonzaga tida então como “a mais antiga do sertão pernambucano”.

As primeiras amostras de material arqueológico tornaram patentes os efeitos da ação antrópica sobre o registro, contando-se com peças muito fragmentadas e de pequenas dimensões, bastante espalhadas, impossibilitando, inclusive, que alguns atributos fossem avaliados em laboratório. Uma vez que a área é ocupada e utilizada até os dias de hoje, passou por processos intensos de perturbação em decorrência da circulação de pessoas, animais e veículos, procedimentos de regularização do terreno (terraplenos e aterramentos) e construção de edifícios.

Deste modo, foram pensadas ações de resgate pautadas na continuidade e na metodologia que dessem conta de análises micro-espaciais intra-sítio.

A **Prancha 3** ilustra os trabalhos realizados durante a etapa de resgate desenvolvida em 2009.

Prancha 3



- a. Vista da fachada da Casa 1.
- b. Abertura de unidade de escavação em área de presença de componente lítico.
- c. Panorama de parte do sítio Fazendinha: campo de vaquejada.
- d. Ruínas da Casa 2.
- e. “Pé-de-pote” localizado em superfície no jardim da Casa 2.

3.3. Etapa de campo 2 (Resgate 2010)

Os trabalhos no sítio Fazendinha durante outubro de 2009 geraram uma coleção relevante, que propiciou o delineamento de hipóteses em relação a sua datação e evolução crono-espacial (intra-sítio), assim como hipóteses a respeito da formação do sítio tendo como base as áreas de concentração e sua distribuição espacial. Pautando-se nestas informações, foi planejada a segunda etapa de resgate a ser desenvolvida concomitantemente às intervenções na Capela de São Luiz Gonzaga, cujas atividades se desenvolveram entre o final de maio e o mês de junho de 2010.

Para a continuidade da pesquisa, foram elencadas “áreas de atenção” a serem submetidas a aprofundamento por meio da intensificação das intervenções de sub-superfície, além da aplicação da malha ortogonal com intervenções a cada 20x20m em toda a área previamente determinada (200m x 200m), com fechamento dos intervalos entre as perfurações em locais de maior densidade e/ou áreas de descarte específicas.

Foram abertas um total de 144 quadras de coleta de superfície, das quais 75 apresentaram-se positivas. Estas intervenções permitiram ampliar a delimitação anteriormente estabelecida para o sítio, passando o mesmo a conformar uma área de 72.749,84 m² (315,04m x 292,50m).

Paralelamente, foram também intensificadas as intervenções junto às áreas de afloramento rochoso anteriormente examinadas, objetivando a localização e coleta de novas evidências relacionadas à ocupação indígena pré-colonial, sendo definidas ao final três zonas dotadas de vestígios líticos, ora lascados, ora polidos.

A **Prancha 4** a seguir ilustra os trabalhos realizados no sítio Fazendinha durante a etapa de campo 2010.



- a. Atividades de evidenciação do sepultamentos na frente da Capela.
- b. Quadras de coleta de superfície no quintal da Casa 2.
- c. Registro gráfico de afloramentos rochosos com superfícies polidas.
- d. Panorâmica das obras no sítio arqueológico Fazendinha.



3.3.1. Atividades desenvolvidas na Capela de São Luiz Gonzaga

Para as ações de salvamento dos remanescentes ósseos no interior e adjacências da Capela, foi implementada a metodologia específica a seguir descrita.

A partir de intervenções invasivas em cotas positiva e negativa, através da abertura de quadras, tradagens e unidades de escavação, tornou-se possível detectar a presença de ossos humanos em sub-superfície. Fatores relativos ao tipo de solo (areno-argiloso compactado, formado sobre matacões graníticos muito intemperizados) e a severa antropização das deposições funerárias, aliados ao imaginário local sobre as práticas da morte e as crenças sobre o histórico dos mortos depois de enterrados (de que o corpo logo degradar-se-ia, pulverizando-se com o passar dos anos), propiciaram vestígios de deposições funerárias em três circunstâncias deposicionais:

- a) com ossos e acompanhamentos funerários esparsos misturados montes de entulhos (cota positiva);
- b) com ossos e acompanhamentos misturados em estruturas de aterramento, formadas a partir dos entulhos, sob o piso da capela; e
- c) deposições funerárias em vários graus de perturbação logo a frente da escadaria atual da fachada, estendendo-se até o cruzeiro.

A positivação de quadras e unidades de escavação nos legou a presença de remanescentes humanos de indivíduos adultos e subadultos, inseridos em contextos de deposição diferenciados. Foram localizadas duas áreas cemiteriais, sendo uma interna, sob o aterro de materiais resultantes da remobilização do entulho proveniente das paredes e outra externa, defronte à capela, estendendo-se até o cruzeiro. Em todas as concentrações de entulho resultantes das obras efetuadas na edificação em pelo menos dois momentos, comprovados arqueologicamente, ao redor da mesma, foram localizados ossos humanos esparsos, comumente fragmentados em decorrência da intensiva antropização que resultou em esmagamentos sucessivos por

pisoteamento, mobilização de tijolos, assim como por fatores tafonômicos resultantes de bioturbação, geoturbação e fitoturbação.

Na área cemiterial externa, a localização das deposições funerárias deveu-se à exposição e visualização de pequenos fragmentos ósseos muito alterados, e à abertura de unidades de escavação. Sob esse aspecto, as chuvas propiciaram remodelações erosivas que carrearam os solos, ora expondo, ora ocultando os raros remanescentes de antigas deposições funerárias.

3.3.1.1. Arqueologia Funerária: considerações sobre métodos e terminologias

As construções sacras brasileiras construídas no transcorrer dos séculos XVI ao XIX, quando não se encontram abandonadas, comumente apresentam sinais claros de atividades das ordens religiosas que as fundaram ou ocuparam sucessivamente, ou de novos proprietários ou ocupantes, resultando em transformações e permanências na estrutura arquitetônica. Esses processos de remodelação podem afetar, também, as áreas destinadas aos sepultamentos – cemitérios - dentro dessas edificações. Esses *cemitérios de igrejas*, com suas criptas, túmulos, carneiros, catacumbas, covas de chão na nave central e estruturados no interior e exterior de capelas funerárias, testemunhos das condições de vida e morte de religiosos, são objetos de estudo da arqueologia da morte.

Os estudos arqueológicos sob uma perspectiva das *práticas funerárias* em cemitérios históricos potencialmente produzem uma série de informações sobre as características bioantropológicas, sócio-culturais e aspectos mortuários de populações humanas. Em uma escala individual, os dados mortuários informam sobre os eventos sofridos por uma pessoa durante o seu tempo de vida e, em larga escala, uma história demográfica, epidemiológica e sociológica de uma população no passado.

Nesse sentido, o termo *Arqueologia funerária* - arqueologia da morte ou arqueologia das práticas funerárias - indica e define uma vertente de pesquisa adotada para analisar e interpretar problemas relativos ao fenômeno da morte através de dados mortuários, informações encontradas no contexto arqueológico, antropológico ou histórico – nos âmbitos da história social e cultural - que remetem às práticas funerárias, partes dos rituais funerários.

Os pressupostos teóricos da *arqueologia funerária*, comumente aplicados entre as décadas de 1970 e 1980 aos estudos arqueológicos do fenômeno morte entre as sociedades do passado, incluindo as informações bioantropológicas, estão descritos nos significativos estudos de Chapman e Randsborg (1981), Humphreys e King (1981), Gnoli e Vernant (1982), Pearson (1982, 2002), Hannon (1983), Houlbrooke (1989), Binant (1991), Huntington e Metcalf (1992) e Poirier e Bellantoni (1997). Perspectivas históricas sobre o evento morte nas sociedades ocidentais foram desenvolvidas por Ariès (1977, 1981, 1981a), Vovelle (1983) e Braet e Werner (1996). Outros estudos, de caráter religioso ou filosófico, foram produzidos por Morin (1970), Agostinho (1990) e Baudrillard (1996).

Terminologias e classificações para descrição e análise de deposições funerárias e seus conteúdos, ainda inseridos em diferentes contextos arqueológicos, foram tratadas em conjunto por Sprague (2005), Ubelaker (1989), Joukowsky (1986), Roksandic (2002), Brothwell (1981), Silva (2005/2006), Murphy (2008) e Ribeiro (2008). Manuais e artigos significativos voltados aos remanescentes humanos em campo ou laboratório foram escritos por Ubelaker (1989), Buikstra e Ubelaker (1994), Byers (2007a ; 2007b), Siegel et al. (2000), Cox et.al. (2007), Dupras et al. (2005), White e Folkens (2005), Hunter e Cox (2006), Cox e Mays (2000), Schmitt et al. (2006), Connor (2007) e Komar e Buikstra (2007) e por Sofaer (2006), considerando o corpo como objeto de cultura material. Nesse campo da bioarqueologia, da antropologia forense, voltadas à interpretação de comportamentos e eventos orgânicos e acidentais a partir de restos humanos, existe uma extensa bibliografia, comumente voltada aos remanescentes humanos destituídos do seu contexto deposicional, já fora dos cemitérios.

No Brasil, destacam-se os estudos de cemitérios nos espaços profanos e sagrados feitos por Reis (1991; 2007). Estudos mais abrangentes e significativos sobre as origens históricas dos cemitérios e a questão da morte e dos mortos na sociedade brasileira dos séculos XVII ao XIX foram realizados por Loureiro (1977), Martins (1983) e Guedes (1986); questões sobre identidade e mobilidade sociais e sobre irmandades e suas práticas funerárias no espaço do sagrado tem sido recorrentes na bibliografia nacional, como por exemplo, nos estudos de Valladares (1972), Lima (1994) e Tavares (2006).

Exemplos de problemas relativos às escavações em cemitérios de igrejas, com a análise exclusiva de suas estruturas funerárias ou dos remanescentes humanos¹ podem ser encontrados nos trabalhos de Godoy (1936), Kjolbye-Biddle (1976), Ragon (1983), Hannon (1983), Magalhães Ramalho (2001), D'Anastacio et al.(2001) e During (2001).

A aplicação de métodos e técnicas das ciências forenses, especificamente da arqueologia forense, odontologia forense e da antropologia forense são usuais em sítios históricos ou relacionados à história e à arqueologia do presente, onde ainda restam artefatos como vestimentas, calçados, informações sobre causas de morte ou de idade biológica, sexo e entre outros informes, como fotografias e outras referências de arquivos; ou restos humanos que necessitem ser analisados e descritos quanto ao seu contexto arqueológico. Esses estudos abordam problemas relacionados ao fenômeno da morte sob as perspectivas da história da cultura, história social e da antropologia cultural; da antropologia forense e da bioantropologia; sempre remetendo à necessidade do uso de arquivos históricos, como fizeram Herring e Swedlund (2003), de métodos de entrevista e coletas de informações orais e de implementos tecnológicos oferecidos para resolver problemas de datações, análises bioquímicas e bioantropológicas, entre outras.

¹ Os remanescentes humanos em arqueologia tem sido alvo de abordagens bioantropológicas, bioarqueológicas, paleoepidemiológicas, paleopatológicas, da antropologia forense e da medicina legal, entre outros.

Os métodos e técnicas empregados durante a intervenção arqueológica para a escavação, recuperação, documentação e tratamento laboratorial preliminar dos remanescentes humanos do sítio Fazendinha, foram adaptados dos manuais recorrentes na bibliografia arqueológica internacional (BASS, 1995; BROTHWELL, 1981; WHITE, FOLKENS, 2000, 2005; UBELAKER, 1989; BUIKSTRA, UBELAKER, 1994; MAYS, 1999; COX, MAYS, 2000; HAGLUND, SORG, 2002; HILLSON, 1996; ORTNER, PUTSCHAR, 1981; ORTNER, 2003, COX et. al, 2009). Em especial Cox et al. (2009) descreveram pontos planialtimétricos específicos a serem obtidos com o uso de estação total em corpos articulados e remanescentes humanos dispersos e desarticulados. Esse sistema de métodos e técnicas, diversificado, acrescido a um sistema de registro arqueológico - o da documentação visual - constitui um *standard* relativamente flexível e adaptável ao contexto da capela de São Luiz Gonzaga.

Importa identificar padrões de procedimentos especificamente arqueográficos no trato com os remanescentes humanos, tanto em contexto de campo quanto em laboratório.

3.3.1.2. Planejamento das intervenções arqueológicas na Capela

O direcionamento do plano de ação voltado à área da Capela de São Luiz Gonzaga no sítio Fazendinha relaciona-se ao resgate de artefatos e ecofatos (remanescentes humanos) e à documentação dos contextos das deposições funerárias e sua inserção na estrutura arquitetônica em questão, assim como ao registro das remodelações que alteraram a própria edificação em períodos diferentes da sua existência. As atividades realizadas em campo desenvolveram-se entre 30 de maio e 13 de junho de 2001, envolvendo as seguintes etapas:

Etapas 1 - Inspeção preliminar para reconhecimento da área, com início da coleta de informações orais com moradores locais (**Prancha 5**);

Etapas 2 - Delimitação das áreas a serem trabalhadas a partir dos relatos orais e do emprego das técnicas da varredura sistemática;

Etapas 3 - Localização e escavação dos vestígios arqueológicos, coleta de amostras, documentação fotográfica, gráfica e topográfica, registro, coleta e acondicionamento dos mesmos para tratamento laboratorial e elaboração de relatórios.

Os procedimentos acima ocorreram de forma ordenada, justapondo-se ou sobrepondo-se, sempre na dependência do planejamento dos aspectos técnicos e operacionais da investigação arqueológica voltada aos remanescentes de práticas funerárias.

Os objetivos relacionados aos itens acima incluíram, respectivamente, as seguintes atividades:

A) Reconhecer no entorno e no interior da Capela as áreas dotadas de potencial arqueológico; coletar informações orais dos moradores mais antigos, entre outros, para maiores aportes em torno da natureza dos vestígios ao redor da Capela, com ênfase nos remanescentes de práticas funerárias;

B) Escolher setores de intervenção específicos dentro das áreas em questão considerando dados fornecidos simultaneamente pelos relatos orais e pela varredura sistemática da superfície das mesmas;

C) Estabelecimento de *datum* para a pesquisa de detalhe na área da capela, objetivando ordenar o mapeamento das quadras, a partir da Q70, as unidades de escavação, a partir da UE 6 e as tradagens, a partir da T36 (tendo em vista as numerações já existentes das intervenções da etapa anterior) e propiciar o adequado esquadramento planialtimétrico, controle espacial-temporal dos vestígios arqueológicos;

D) Localizar remanescentes humanos e artefatos associados ou relacionados com uma forma de abordagem diferenciada, considerando o sítio como local sagrado e com presença de áreas cemiteriais. Documentar e registrar os remanescentes humanos e suas associações, quer enquanto sepultamentos, quer como materiais humanos esparsos, visando compreender sua origem e os fatores pós-deposicionais envolvidos (naturais e antrópicos).



Entrevistados:

- a. Severina Batista Leite Dantas, 69 anos, atualmente moradora na cidade;
- b. Sebastião Batista Leite Dantas, 82 anos, morador da casa 2 no sítio Fazendinha;
- c. Maria, funcionária da Escola ao lado da capela;
- d. Roberta, mãe de Maria, da Escola.

3.3.1.3. Atividades desenvolvidas em campo

Como apontado anteriormente, a etapa de intervenções arqueológicas realizada em 2009 no sítio Fazendinha não incluiu áreas envoltórias e adjacentes relacionadas à capela de São Luiz Gonzaga, justamente pela programação de implementação de um plano de ação futuro de resgate concomitante aos procedimentos de monitoramento arqueológico da obra, prevendo-se a alocação de profissionais especializados nesse tipo de evidência.

Seguindo a metodologia adotada anteriormente para o estudo do sítio, foi dada continuidade à abertura de quadras, tradagens e unidades de escavação. A **Prancha 6** apresenta o plano final de atividades realizadas no sítio.

Conforme o planejamento inicial de intervenções arqueológicas, optamos pelo emprego de métodos não invasivos e invasivos, diretamente sobre as áreas em questão. Os primeiros incluíram a varredura sistemática em momentos sucessivos distintos, por membros da equipe treinados na observação de fragmentos de ossos e dentes humanos e não-humanos, e os segundos, as tradagens, quadras de coleta de superfície com decapagem extensiva e superficial por quadra e aberturas de unidades de escavação.

Como não haviam sido observados ou mesmo coletados remanescentes humanos no sítio Fazendinha nas etapas anteriores, optamos pela coleta sistemática de informações orais da comunidade como primeira atividade, seguida das inspeções pelo método da varredura sistemática (circular e em rede), descrito em Dupras *et al.* (2005), Connor (2007) e Cox *et al.* (2009). Esse método inclui variados procedimentos de caminhar no local associado, a observação atenta de remodelações de superfície, presença de fragmentos de ossos, vestes, objetos, depressões, elevações, mudanças cromáticas do solo, mudanças na vegetação, odores, entre outros.

As informações orais serviram como indicadores de prováveis áreas com presença de remanescentes humanos e tornaram-se significativas enquanto dados indicadores da existência real de materiais humanos inumados no local. O quadro abaixo resume os dados obtidos das informações orais transcritas e gravadas que foram úteis para a localização dos remanescentes:

Quadro 1 – Resumo das informações orais da comunidade com indicações de encontro de remanescentes humanos na capela e seu entorno

Informações das entrevistas orais usadas para a localização de remanescentes humanos		
Entrevistado	Remanescentes humanos	Local indicado
Sebastião Batista Leite Dantas, 82 anos	Crânios e ossos diversos	Foram deixados de lado ou enterrados em vários locais durante a reforma da capela em 1980
Severina Batista Leite Dantas, 69anos	Cicinha, sua irmã (<5meses), falecida antes do nascimento da entrevistada	Interior da capela
	Terezinha, sua irmã (< 6meses), falecida antes do nascimento da entrevistada	Área entre o cruzeiro e a capela
	Crânios e ossos diversos	Enterrados na capela ou fora dela
Roberta, mãe de Maria, da Escola	Caixão na aresta da parede, o qual era motivo de brincadeira das crianças do local que introduziam um pau na abertura outrora existente fora da capela e mexiam no interior do caixão.	No interior da capela, junto da parede S
Estácio	O avô, o “capitão Lili”, “anjinhos”, Anastácia.	No interior da capela
Edivaldo, primo de Severina	Crânio e ossos longos encontrados quando o entrevistado tinha 7 anos de idade	Foram enterrados pelo entrevistado entre a capela e o cruzeiro
Ricardo Siqueira	Crânio e ossos, encontrados quando era criança	Foram enterrados atrás da capela e provinham do entulho na área W.
Marcos, irmão de Ricardo	Crânios, encontrados quando o entrevistado tinha de 6 a 7 anos, na frente e nos entulhos da capela, o corpo do “capitão Lili”.	Foram enterrados na capela; o corpo do “capitão” estaria atrás da porta principal, correspondendo ao sep. 9, localizado pela equipe nos últimos dias da etapa de campo

Fonte: entrevistas gravadas por Luiz Pacheco e Sergio Silva com moradores da comunidade local em 2010.

Desde que as informações foram obtidas, em vários momentos das intervenções na capela, não localizamos (e não nos foram apresentados) quaisquer atestados de óbito dos mortos inumados no entorno ou no interior da capela. Não foram localizadas oferendas de flores ou velas ou outros objetos de *memento mori* no interior ou fora da capela, inexistindo covas identificadas por estruturas em cota positiva, como lápides, lajes funerárias, cruzes, túmulos, carneiras, capelinhas ou similares. Existia uma clara invisibilidade dos remanescentes de quaisquer inumações em todo o local.

Foram abertas as seguintes quadras (5x5m), unidades de escavação e tradagens nas áreas adjacentes e interiores da capela de São Luiz Gonzaga:

Quadro 2 – Quadras, unidades de escavação e tradagens efetuadas na capela São Luiz Gonzaga entre 30/05 e 13/06/2010:

Área	Quadras	Unidades de Escavação	Tradagens
Interior e adjacências imediatas da Capela	Q71, 72, 78, 79, 73, 190, 191, 192	UE7 (piso, Q72,78), 9 (parede – decapagem), 10 (piso)	-
Entorno da Capela	Q 70, 74, 75, 76, 77, 106, 180, 189, 107, 181, 188, 179, 182, 187, 186, 183, 178, 154, 184, 185, 177	UE8 (Q106), UE14 (Q79), UE13 (Q147), UE6 (Q72), UE11 (Q154), UE12 (parede N, externa), UE16 (Q72), UE15 (Q108).	Vértices NE

Conforme as informações obtidas junto aos entrevistados (**Quadro 1**), deveriam ser localizados remanescentes humanos em pelo menos três áreas: no entulho da área a W da capela, no piso da capela e na área compreendida entre as escadas e o cruzeiro. Nas áreas nas quais não foram averiguados vestígios ósseos em superfície, optou-se pela plotagem de quadras e de unidades de escavação que correspondessem aos locais indicados pelos entrevistados.

Na área de entorno e imediatamente adjacente a Capela foram abertas 29 quadras, das quais, 8 abrangem a área imediatamente adjacente e o interior da Capela (Q 71, 72, 78, 79, 73, 190, 191 e 192). Entre a Capela (escadaria) e o cruzeiro foram positivadas cinco quadras (Q73, 79, 106, 107, 180). Na área a W da capela (fundos), em cota positiva, foram localizados remanescentes humanos nas Q 71, 72, 74, 76 e 75. No entorno da capela, nas quadras 191, 192, 78 e 72 também foram localizados remanescentes humanos misturados ao entulho.

Foram abertas, em cota negativa, as unidades de escavação 7 e 10 no interior da Capela (piso), tendo sido evidenciados remanescentes humanos muito fragmentados e misturados no material de aterro, muito similar ao existente na área a W dos fundos e nos entulhos das paredes N, W e S. Entretanto, abaixo da camada de aterro com pequenos fragmentos de ossos humanos foi localizado um sepultamento com vestígios de madeira ao redor e já perturbado (sepultamento 9). Este foi o único sepultamento localizado, pelas atividades, no interior da Capela, não ficando afastada a hipótese da presença de outros.

Nas quadras abertas na área externa foram localizados os conjuntos de ossos humanos denominados sepultamentos 1 a 8. As tradagens efetuadas em todos os vértices NE das quadras mostraram-se negativas quanto à presença de ossos humanos. Nos casos dos materiais humanos localizados nos entulhos, estes foram coletados predominantemente em peneira, tendo sido mapeados os remanescentes situados à 20 cm (no entulho das Q 74, 75, 76 e 77) de profundidade e entre os níveis 40-90cm, no caso da UE7, e os ossos “caracteristicamente” inseridos em deposições funerárias, com ou sem sinais de perturbação (desarticulação e ausências).

Conforme mencionado, alterações tafonômicas de origem antrópica causaram intensa mobilidade nos ossos humanos, provocando o isolamento de unidades ósseas e de seus fragmentos, agrupamento de outras, como crânios e ossos longos (UE7) e reacomodação de ossos de sepultamentos outrora expostos e mesmo ausências de grandes partes do esqueleto, como no caso dos sepultamentos 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

Os vestígios ósseos humanos encontrados em meio ao entulho (tijolos, telhas e argamassa), encontravam-se relativamente preservados, apresentando fraturas decorrentes de impactos por revolvimento desses elementos construtivos e por impactos gerados por ferramentas adotadas para a escavação (obras). Os ossos que sofreram menor impacto destrutivo foram os ossos de subadultos e os ossos de mãos, pés e dentes dos indivíduos adultos. Diferentemente destes, os sepultamentos encontrados fora dos entulhos e aterros mostraram esqueletos extremamente

alterados, com ossos em estado pulverulento e extremamente friabilizados pelo impacto da geoturbação, bioturbação e antropoturbação.

Hipoteticamente, os ossos que estavam nos entulhos e aterros, muito embora sofressem com os impactos de tijolos e telhas, bem como pela retirada eventual quando localizados e a sua reenumação ou descarte em superfície (nos casos de crânios e ossos longos maiores bem preservados à época da formação dessas estruturas de descarte e de reaproveitamento), encontravam-se em condições de preservação distintas daqueles inumados nas áreas externas, especialmente entre a Capela e o cruzeiro. Uma explicação para essa distinção pode estar nas diferenças de substratos (pHs diferentes, maior ou menor impacto de intemperismos e antropizações) e/ou pelo período de tempo de exposição a esse substrato (**Prancha 7**).

As condições geológicas e climáticas severas, associadas às variações de temperatura, pH e umidade, bem como o fator tempo desde quando as inumações foram feitas e permaneceram nessas condições, e as antropização verificada, como pisoteamento, desenterramento e exposição, manipulação e reenumação pelos habitantes da localidade caracterizam o aspecto dos remanescentes localizados na área externa a Capela.

A presença de elementos construtivos diversos, como tijolos e telhas, argamassas dissolvidas de argila com areia e de argamassas com cal e/ou cimento, muito embora tenham impactado os ossos que foram deixados no meio do entulho e dos aterros (após seleção), propiciaram melhores condições de preservação aos fragmentos e ossos. Em meio a essas estruturas, quando da formação das mesmas, a visualização e exposição de ossos longos de grandes dimensões, como fêmures, tíbias, fíbulas, úmeros, rádios, ulnas, assim como ossos da pelve e crânios facilitaram a sua manipulação pela população local e a sua reenumação – como no caso dos três crânios encontrados no aterro à NE, dentro da UE7, entre os níveis 40 e 90 cm (**Prancha 8**) ou descarte.

A presença de esqueletos articulados no interior da capela foi verificada somente no caso do sepultamento 9, encontrado sob o aterro, à cerca de 90 cm de profundidade do piso atual de cimento queimado. Como comentado, fica ainda aventada, nesta porção do interior da Capela, a possibilidade de existência de mais inumações no mesmo nível ou abaixo (**Prancha 8**).

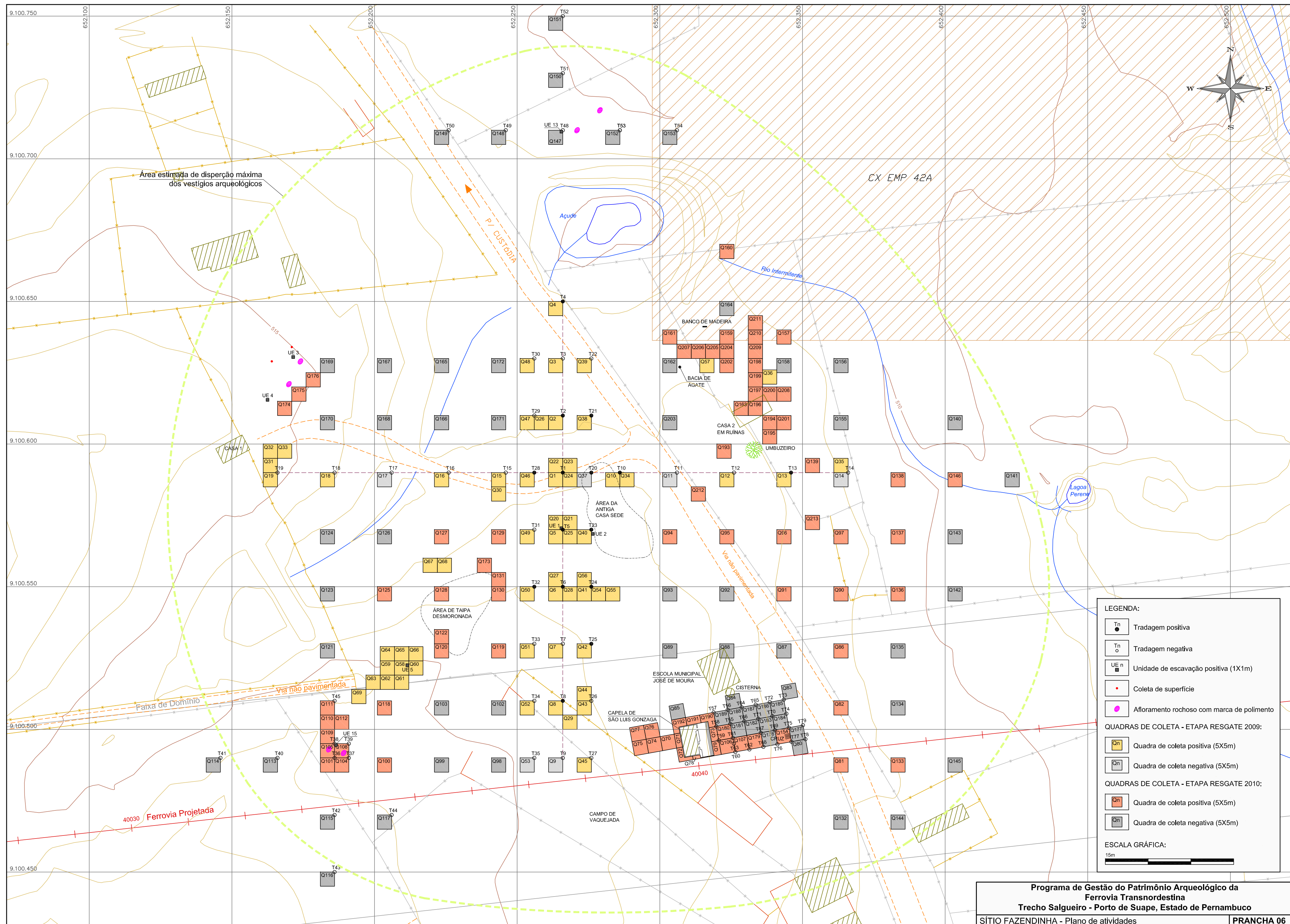
Na **Prancha 9**, b) e c), o esqueleto que compunha o sepultamento 9, foi encontrado em decúbito dorsal, com membros inferiores estendidos, membros superiores fletidos, com mãos posicionadas sobre o tórax. Nesta deposição funerária foram evidenciadas contas de terço ou rosário na região pélvica. Note-se um fragmento de tijolo junto da diáfise do fêmur esquerdo, indicando remodelação na própria deposição pelo contato com o material do aterro. O estado de preservação dos ossos encontrados entre 80 e 90 cm de profundidade, já na camada mais profunda, argilo-arenosa é ruim, provavelmente devido à umidade relativa elevada e o peso das camadas de sedimento aplicado.

Os trabalhos em laboratório (atividade em curso) permitiram condições de avaliação mais aprofundadas a respeito dos exemplares colhidos nas áreas de entulho e/ou aterro (**Prancha 9**).

Os dentes localizados fora e dentro da Capela apresentaram diferentes níveis de decomposição. Na área externa da Capela, os dentes conservaram-se somente ao nível do esmalte e na área dos entulhos e aterros, preservaram-se bem (**Prancha 10**).

Nas quadras 73, 79, 106, 107 e 180 foram evidenciados 8 sepultamentos, contendo remanescentes humanos extremamente alterados por processos múltiplos, incluindo a antropização, intemperização e lixiviação. Esses termos, mais empregados para alterações em minerais, quando relacionadas a ossos humanos indicam a presença de remodelações causadas por fatores tafonômicos representados pela ação humana (manipulação, pisoteamento, entre outras), fitoturbação, pela ação de vegetais, incluindo as gramíneas nos casos de remanescentes expostos em superfície, geoturbação, ocasionada pela ação físico-química gerada pela decomposição de

matrizes rochosas (granitos, entre outros) que estão sob a capa de solo em formação, as ações dos elementos do sistema climático com características de severidade quanto aos processos de desidratação, reidratação e aquecimento e esfriamento de ossos e dentes humanos no decorrer do tempo, em subsuperfície e em momentos de exposição em superfície (intervenção de fatores climáticos extremos). A partir da localização do sepultamento 1, em superfície, foram localizados traços do sepultamento 2, seguindo-se até o 8, na área externa da capela.





Diferenças de preservação entre ossos inumados no exterior e interior da capela:

- a. Osso da pelve de adulto, sepultamento 1, área entre a capela e o cruzeiro, cova superficializada e esqueleto perturbado, com claros sinais de pulverização (decomposição) óssea;
- b. Ussos longos de subadulto e fragmento de crânio, costela e tálus de adulto evidenciados no aterro sob o piso da capela, a NE da UE7.

(fotos: Sergio Silva, 2010).

Prancha 8



Ao lado, conjunto de três crânios (C1 e C2 visíveis) e ossos longos com claros sinais de antropização, reinumados à NE da UE7, à 90cm de profundidade, sob o piso atual da capela, atrás da porta principal de entrada da capela (foto: Marcos Issa 2010).



Vista geral do sepultamento 9 e conjunto de crânios, dois tipos distintos de deposições em a); Vista geral do sepultamento 9 e vista da pelve, membros inferiores e ossos dispostos paralelamente, denotando presença de mais inumações.



(fotos: Marcos Issa/Argos, 2010).



a,b. Vista geral do material de aterro no interior da capela, UE7.

c. Ossos humanos de subadultos.

d. Ossos humanos de adultos, coletados na UE7, entre 40 e 60cm de profundidade.

(fotos a e b: Marcos Issa /Argos, 2010; fotos c e d: Sergio Silva, 2010).



Dentes com raízes decompostas em:

- a. Dentes da mandíbula, adulto, sepultamento 1.
- b. Dentes maxilares, dentição mista, subadulto, sepultamento 7.
- c. Na área interna da capela, em material de aterro os dentes preservaram-se integralmente, mantendo os acúmulos de tártaro: dentes de adulto, UE7, peneira.

(foto: Sergio Silva, 2010).

3.3.1.4. Resultados obtidos

3.3.1.4.1. Sepultamentos humanos na área externa da capela

A localização dos sepultamentos humanos existentes na área compreendida entre a escadaria, na fachada da capela e o cruzeiro, foi possível com base em informações orais obtidas junto a membros da comunidade (Figura 8, b), pela varredura sistemática e oportunística em diversos momentos da pesquisa. As tradagens nos vértices NE das quadras nessa área não propiciaram a localização de inumações. Outro recurso empregado foi o da abertura de uma UE, seguindo a direção do primeiro sepultamento localizado, do lado direito do mesmo, objetivando a localização de corpos dispostos paralelamente. Ainda, a presença de concentrações de micro-fragmentos de rochas decompostas na superfície erodida da área cemiterial externa, formando estruturas em meia-lua, compatíveis com resíduos de materiais de preenchimento de antigas covas, indicou com certa precisão a presença das deposições.

O processo de observação de ossos em superfície foi dificultado pelas dimensões dos fragmentos visíveis e expostos e a sua mistura com resíduos similares, provenientes da degradação antrópica de granitos decompostos de subsuperfície espargidos após a abertura de um buraco para a fixação de um poste de eletricidade. Assim, a situação das covas mostrou-se irregular, com sobreposições e interdigitações de corpos, embora estivessem distribuídas ao longo da escadaria da fachada, com esqueletos paralelos entre si (**Prancha 11, a**).

Em todos os casos, os corpos deveriam estar depositados com os eixos crânio-pelve sempre paralelos, com presença de inumações consecutivas e sobrepostas. Entre os adultos, os crânios estavam sempre voltados para a direção do cruzeiro (E). Os subadultos apresentavam os crânios voltados para a capela (ou altar), a W. Um subadulto (adolescente) teve o crânio depositado de forma a interdigitar uma inumação anterior, de adulto. Nesse caso, a determinação da direção do eixo crânio-pelve não foi estabelecida (sepultamento 7). Provavelmente, pela posição da face e mandíbula, o corpo estendia-se a W.

Em todos os sepultamentos, os ossos encontravam-se extremamente alterados, muito fragmentados e, em alguns casos, como nos sepultamentos 1, 2, 3 e 6, sem condições de identificação imediata em campo.

Um aspecto importante levado a cabo durante o processo de escavação foi a readaptação de instrumentos de campo, comumente empregados para a evidenciação de sepultamentos: os trados foram modificados para o modelo com extremidade em forma de “caneco”, para coleta de solos em subsuperfícies compactadas e o emprego de espátulas metálicas, pontas e martelo, assim como os instrumentais metálicos pesados, como a enxada e a pá. Pontas de madeira, embora empregadas, tiveram que ser constantemente substituídas. O emprego da peneira e pincéis associado à consolidação de ossos hiperfragmentários com PVA neutro (**Prancha 11, c, d**) constituíram outros recursos.

Sepultamento 1

Tratava-se de uma deposição funerária com claros sinais de perturbação e ausências significativas de ossos do esqueleto. Encontrava-se visível em superfície (**Prancha 12, a e b**), expondo pequenos fragmentos de osso longo e do crânio. A decapagem com o emprego de colheres de pedreiro e estacas de madeira e metal de uma camada de solo argilo-arenoso extremamente compactado e endurecido propiciou observar os remanescentes como um todo. Tratava-se de um fêmur E, crânio, mandíbula, osso do quadril D, cinco ossos longos (rádio, fíbula, úmero, tíbia, outro) e vértebra de indivíduo adulto. Esse conjunto de ossos severamente remodelados por fatores tafonômicos de origem ambiental e humana, desarticulados e sem sinais claros da presença de cova e acompanhamentos funerários estava depositado sobre matacões graníticos decompostos. A deposição foi mapeada na Q 73, logo adiante dos degraus da escada da área da frente da fachada da capela e próximo de um poste de luz recém instalado.

A observação da deposição funerária foi possível devido à presença de fragmentos menores do que 1 cm de comprimento que estavam em superfície. O procedimento de decapagem por níveis artificiais revelou as relações entre os ossos remanescentes e o seu estado de preservação (**Prancha 13**).

Sepultamento 2

Remanescentes de um esqueleto de adulto, muito alterados e decompostos, estendendo-se entre as Q 106 e 107, com maior concentração de ossos a W da Q107. Filetes de ossos longos estavam expostos na superfície varrida dessas quadras. O processo de decapagem indicou uma concentração de ossos longos cujo eixo central longitudinal estava a SW-NE. Foram coletados fragmentos de ossos muito alterados, inseridos em solo compactado argilo-arenoso (**Prancha 14**).

Sepultamento 3

Representado por um crânio e osso longo, extremamente alterados (decompostos), junto do lado NE da Q79. Foram retirados muito fragmentados. O solo nessa área estava compactado, sobre matacões graníticos decompostos. Estava entre os níveis 0 e 10 cm.

Sepultamento 4

Estava representado por um fêmur de adulto, muito alterado (**Prancha 15**), entre os níveis 0 a 10cm, na Q79. O eixo longitudinal do osso estava a E-W. A matriz circundante era de solo argilo-arenoso compactado. Tratava-se, assim como os sepultamentos 1 a 3, de uma inumação perturbada por inúmeros agentes transformadores e formadores do depósito arqueológico. Sinais claros de esmagamento e severas ausências de ossos do restante do esqueleto indicam o nível de preservação do material.

Sepultamento 5

Trata-se de uma deposição funerária muito alterada, mostrando ausência de todo o esqueleto e a presença *in situ* de ossos articulados. Os ossos estão extremamente friáveis e fragmentados, entretanto, é possível identificar o úmero D com ulna e rádio D em conexão anatômica, assim como a escápula e as costelas desse mesmo lado. Esse pequeno conjunto de ossos articulados indica um corpo de indivíduo adulto, depositado em decúbito dorsal, com membros superiores fletidos sobre o tórax e cabeça direcionada para o cruzeiro. Convenientemente, os pés deveriam ficar orientados para a fachada da capela. O conjunto foi retirado em bloco da Q 79 e decapado

posteriormente. Sob os remanescentes foram localizados bloco extremamente intemperizado de granito que perfaz toda a subsuperfície na área.

Essa deposição, assim como a 6, 7 e 8, embora representadas por alguns ossos do esqueleto, são indicadoras da presença de sepultamentos primários, sendo importantes exemplos de inumações primárias perturbadas ou muito alteradas (Murphy, 2008).

Sepultamento 6

Deposição primária, com dois indivíduos subadultos depositados consecutivamente, em momentos distintos. O indivíduo maior, subadulto, apresentava corpo em decúbito dorsal, com cabeça direcionada para a capela e pés para o cruzeiro. Os membros superiores estavam flexionados sobre o tórax. Os ossos abaixo das vértebras torácicas não foram evidenciados, encontrando-se ausentes. Sobre a região abdominal do esqueleto da criança maior, encontrava-se um esqueleto de recém-nascido, com crânio igualmente voltado para a fachada da capela e pés para o cruzeiro. No crânio da criança menor, um adorno em metal e pigmento alterado verde. O conjunto estava entre as Q79 e 106, entre 0 e 20cm (**Prancha 16**).

Sepultamento 7

Conjunto de três crânios e remanescentes de uma cintura escapular, lado D. O crânio de subadulto estava a SW da Q180. O conjunto foi consolidado com PVA a 10% e retirados após documentação e coleta de dados planialtimétricos. Os crânios foram retirados em blocos. Todo o conjunto estava extremamente alterado. O crânio de adulto estava relacionado aos remanescentes da cintura escapular D; na região das suas cervicais, o crânio de subadulto parecia indicar uma intrusão consecutiva, com recorrente destruição dos ossos afetados pela nova abertura de cova. O adulto estava em decúbito dorsal, com cabeça voltada para o cruzeiro e pés para a fachada da capela entre os níveis 0 e 10cm.

Sepultamento 8

Representado inicialmente por fragmentos de crânio e de dentes aflorando na superfície da Q180 (**Prancha 17**), acabou indicando a presença de uma deposição primária, de adulto, com cabeça voltada para o cruzeiro e pés para a fachada da capela, em decúbito dorsal. Junto do crânio, durante os processos de decapagem, evidenciou-se outro, com mandíbula desarticulada e muito decomposto, ainda na mesma quadra, podendo indicar intrusão de materiais carregados (intrusão anômala).

Sepultamento 9

Trata-se do primeiro sepultamento primário localizado no interior da capela (**Prancha 18**), do lado esquerdo do altar central. Representado por um esqueleto de adulto, com contas em associação na região pélvica, em decúbito dorsal, cabeça voltada para o cruzeiro e pés para o altar. Estava entre o contato do material de aterro e a base de solo argilo-arenoso da capela. O crânio e os ossos dos membros superiores, assim como os ossos dos pés já haviam sido destruídos pelas atividades de aterramento e construção do piso atual (localiza-se na UE7). Foram obtidas coordenadas planialtimétricas nas extremidades das tíbias e fíbulas (pés), nos centros das patelas, nas cabeças dos fêmures, no centro do rádio e ulna E, nos centros das articulações entre os úmeros e as ulnas.



a. Vista geral da área cemiterial na frente da capela.

b. Momento de contato e realização de entrevistas com a comunidade de Custódia.

c,d. Emprego de peneiras, pincéis e consolidação de materiais muito frágeis.

(fotos: Marcos Issa/Argos, 2010).



Vista de ossos do sepultamento 1, Q73, observáveis em superfície:

a. Vista geral.

b. Ossos longos.

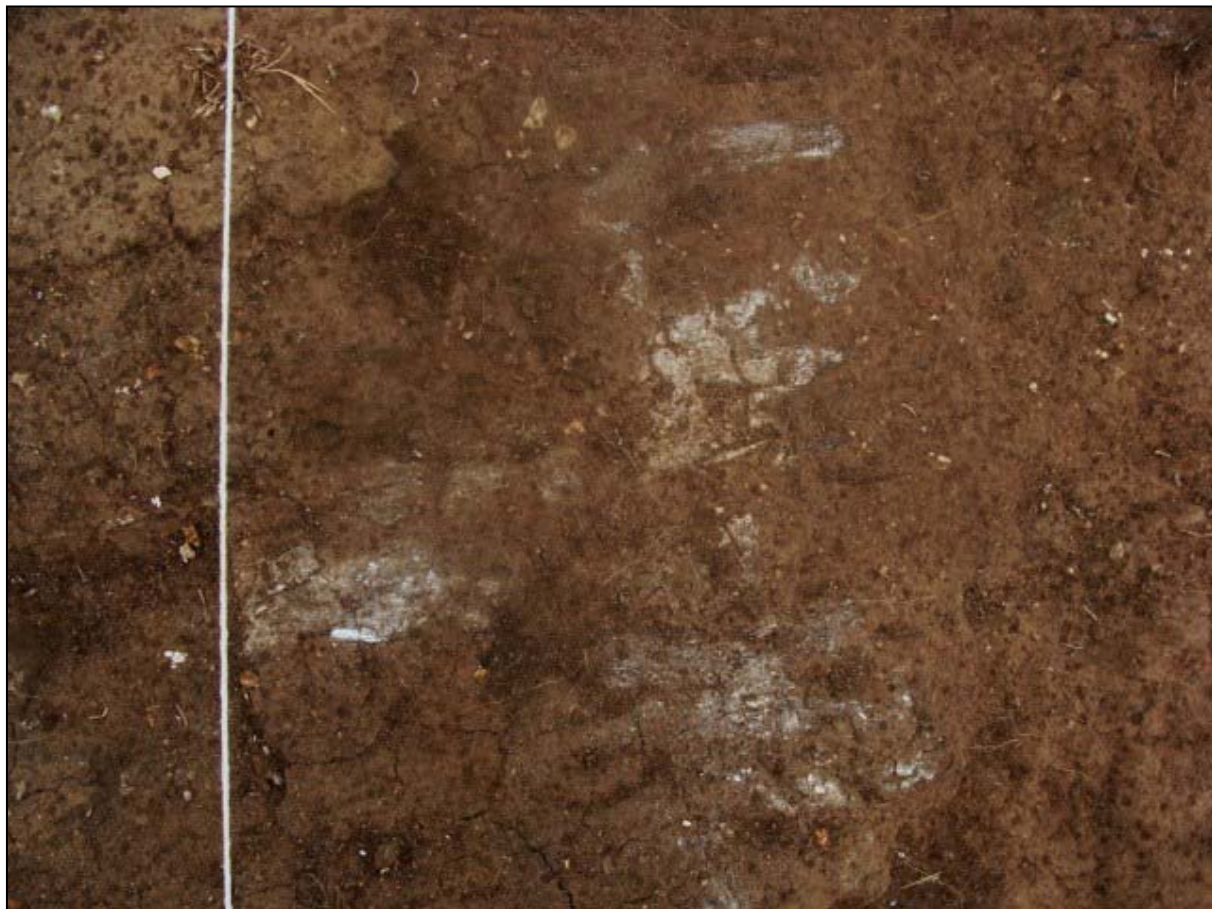
(foto: Sergio Silva, 2010).



a. Etapa de decapagem por níveis artificiais de 5x5cm.
b. Vista geral, vertical, do sepultamento 1.
c,d,e,f. Detalhes da mandíbula, ossos longos, pelve e crânio.(fotos: b), Marcos Issa 2010.

(Sergio Silva, 2010).

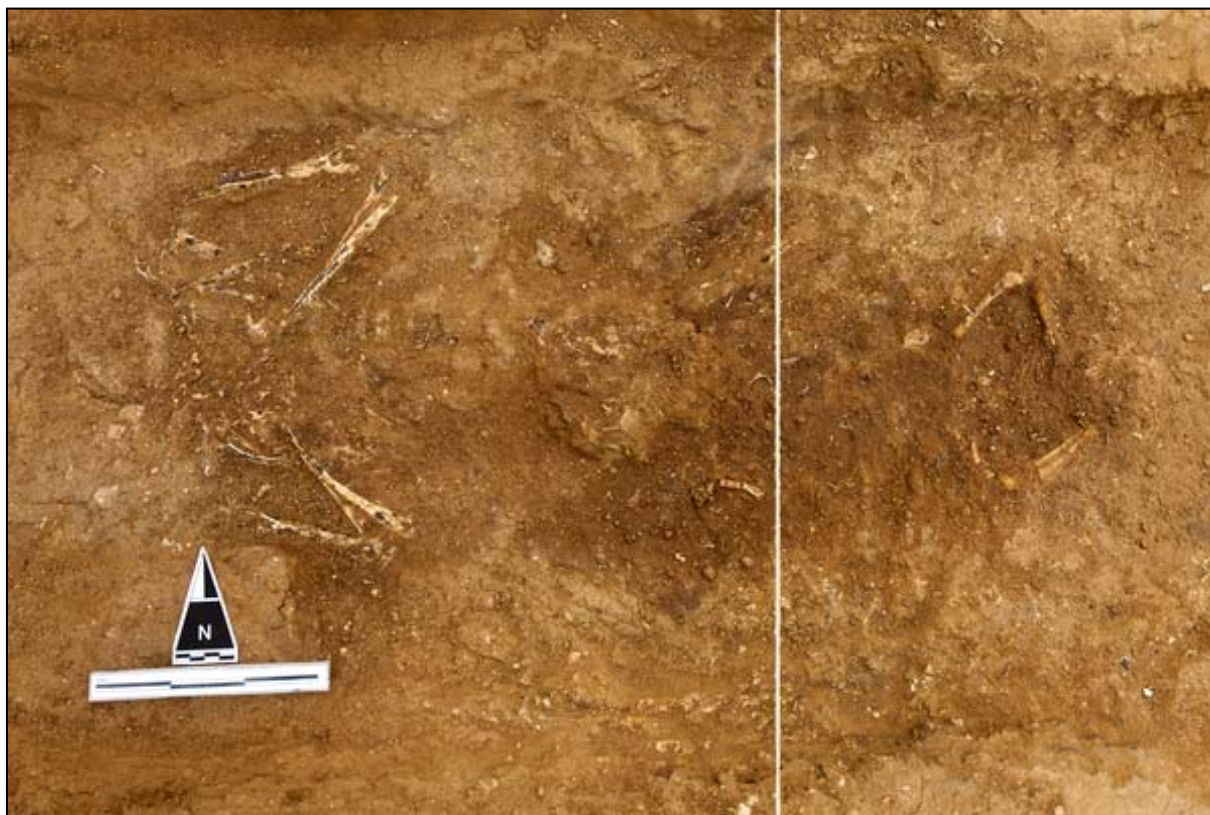




Vista geral dos ossos muito alterados no sepultamento 2, entre as Q 106 (esquerda) e 107 (direita).
(Foto: Sergio Silva, 2010).



Detalhe do fêmur de adulto, sepultamento 4, Q79.
(foto: Marcos Issa/Argos, 2010).



Vista geral do sepultamento 6. Deposição funerária com dois indivíduos depositados consecutivamente. Pode representar eventual ancestralidade entre os mortos (mãe e filho, irmãos, parentes ou amigos). Ainda, a deposição pode ser interpretada como resultante de duas inumações consecutivas, caracterizando dois sepultamentos distintos. Essa prática ainda pode ser encontrada em outras capelas da região de Custódia, PE.

(fotos: Marcos Issa/Argos, 2010).



Vistas de detalhes da decapagem do sepultamento 8:

a. Região dos membros inferiores.

b. Crânio, com mandíbula de um segundo indivíduo.

(fotos: Marcos Issa/Argos, 2010).



Vista geral do sepultamento 9. O esqueleto estava depositado no piso da capela, sob o aterro e foi evidenciado a 90cm de profundidade, na UE7.

(foto: Marcos Issa/Argos, 2010).

3.3.1.4.2. Remanescentes humanos esparsos no material de aterro, interior da Capela

Foram localizados remanescentes humanos dispersos e fragmentados em vários níveis da UE7, assim como em alguns níveis da UE10. Sua localização, nos casos de ossos situados entre os níveis 20 a 40cm e até 60 a 90cm, foi obtida com uso de estação total para mensurações nos centros dos ossos. Os remanescentes pertencem a adultos e subadultos. Sua análise detalhada constará do relatório final, estando em curso os procedimentos laboratoriais.

No caso dos aterros, especialmente o que nivelou o piso atual da capela (desde 1980), este apresenta ossos maiores ou mais bem preservados, incluindo um aglomerado de ossos depositados intencionalmente atrás da porta principal da capela (de duas abas), que incluíram três crânios (C1, C2 e C3). Junto com os crânios, acima dos mesmos, uma tíbia e um úmero. Foram obtidas coordenadas nos centros dos crânios e nos centros das diáfises dos dois ossos longos.

3.3.1.4.3. Remanescentes humanos esparsos no material de entulho, ao redor e atrás da capela

Nos materiais entulhados ao redor das paredes N, S e W da capela e em um canteiro à W, nos fundos da capela, foram localizados remanescentes humanos eventualmente provenientes de túmulos de parede (testemunhos orais), situados outrora no lado D do altar central. Esse material estava menos conservado que os do interior da capela e mais preservados do que os remanescentes localizados na frente da capela, entre a fachada e o cruzeiro. Esses conglomerados de entulho serviram como abrigos de pequenos animais (répteis, anfíbios, aracnídeos, aves, mamíferos pequenos), assim como substratos para o desenvolvimento de gramíneas (sombra) e arbustos. Vale ressaltar que durante a pesquisa observava-se o pisoteio constante devido a circulação cotidiana de animais e moradores. Os ossos humanos, anteriormente pouco visíveis nos entulhos, foram localizados mediante a decapagem e abertura das unidades de escavação nos monturos que circundavam a capela.

4. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O SÍTIO FAZENDINHA

As atividades de resgate no sítio arqueológico Fazendinha se deram de forma intensiva e sistemática, abrangendo os diversos componentes envolvidos (áreas de lascamento, áreas de deposição de lixo doméstico, estruturas remanescentes de edificações, capela e área cemiterial envoltória e assim por diante).

Encontram-se em andamento as análises laboratoriais pertinentes, tendo sido já efetuada a curadoria de cerca de 13.390 peças, abrangendo fragmentos de cerâmicas de produção local/regional, faianças finas e demais louças brancas nacionais e estrangeiras, metais, vidros, material osteodontomalacológico, polímeros e tecidos, além, obviamente, das evidências esqueletais.

Análises estatísticas preliminares realizadas a partir de amostras tipo selecionadas, permitem estabelecer uma primeira cronologia relacionada à ocupação do sítio no período histórico, tendo como marco de período inicial a primeira metade do século XIX (presença de louças do tipo *blue edged*, *cabled*, *mocha* e outras faianças finas cuja produção abarca o final do século XVIII e a primeira metade do século seguinte). Em sua maior parte, o acervo coletado apresenta grande fragmentação em virtude dos processos pós-deposicionais observados (remobilização, circulação, etc.), cujos detalhes serão apresentados no relatório final em fase de fechamento (**Prancha 19**).

Num primeiro momento, percebe-se, pelos artefatos arqueológicos, que o sítio Fazendinha relacionava-se a uma casa-sede de fazenda com recursos e estratégia de acesso a bens de consumo bastante diferenciados dos demais sítios históricos localizados pelos trabalhos no trecho Salgueiro-Porto Suape, caracterizados por pequenas casas de taipa de pau-a-pique desmoronadas e áreas de descarte próximas, implantados em pequenas clareias. As louças brancas do sítio arqueológico Fazendinha, parte da propriedade então conhecida pelo homônimo sítio Fazendinha, apresentam grande variabilidade no que concerne a padrões decorativos, destarte a baixa variabilidade do ponto de vista morfológico com presença maciça de malgas, tigelas e pratos. Uma ocupação do sertão que denota posição social específica dos

moradores na sociedade local, apontada pela acessibilidade a diversos objetos de valor variável de acordo com seu aspecto decorativo e procedência, similar ao que foi observado em outros contextos sertanejos similares a este em etapas anteriores (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2008).

No que tange à capela e seu entorno, foi possível documentar a existência de 9 sepultamentos (um na área interna da capela, sob o material de aterro; e os demais na área externa, entre a escadaria/fachada e o cruzeiro). Os dados planialtimétricos, assim como os croquis de evidenciação de sepultamentos constarão igualmente do relatório final. Entre os sepultamentos, os de números 5 (adulto), 6 (dois subadultos), 7 (adulto), 8 (adulto) e 9 (adulto) apresentaram elementos de contexto capazes de indicar com precisão a posição do corpo, o grupo de idade (adulto, subadulto), assim como a simultaneidade ou não-simultaneidade da inumação. Estes representam excelentes exemplos de inumações perturbadas ou muito alteradas, também culturalmente modificadas, como fica evidente nos sepultamentos 5, 6 e 7, onde ocorreram perda extensiva do esqueleto pela ação natural e antrópica (5) ou reinumações consecutivas, como no 6 e no 7, onde o esqueleto anteriormente inumado sofreu perda extensiva de partes em decorrência da abertura de nova cova e uma nova inumação. Os sepultamentos 1, 2, 3 e 4, estavam severamente remodelados, não possibilitando a verificação de posição do corpo, orientação do eixo crânio-pelve. Apresentavam, também, significativas perdas de ossos e desarticulação entre os mesmos restantes.

Nos casos dos materiais de entulho, a degradação foi um pouco menos severa do que aquela sofrida pelos sepultamentos externos à capela. Entretanto, a intensa antropização dos ossos resultou na presença de unidades ou fragmentos de unidades ósseas sempre esparsas. A mobilidade da massa de entulho, composta de fragmentos de tijolos, telhas, argamassa, solo, entre outros materiais, resultou na destruição e na preservação de ossos e dentes.

Nos materiais de aterro, representados pelo material de entulho reaproveitado para nivelar pisos, como na Capela de São Luiz Gonzaga, os ossos apresentavam-se sempre esparsos, ora em conjuntos concentrados, como o conjunto de crânios e ossos longos atrás da porta central da capela. A quantificação, localização e descrição dos materiais encontrados farão parte do relatório final após as análises laboratoriais pertinentes.

Cabe dentro do escopo da arqueologia preventiva propor a realização de ação educativa e de socialização dos resultados atingidos com a pesquisa junto à comunidade local.

Colocamo-nos a disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

São Paulo, 28 de Setembro de 2010.

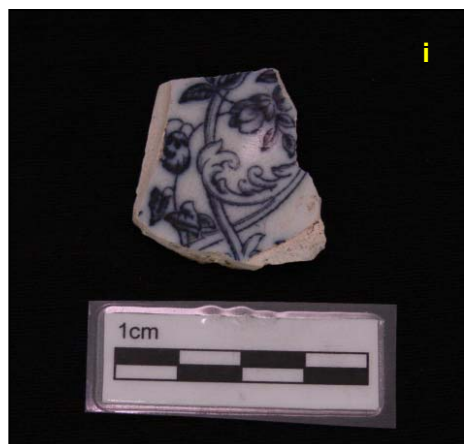


Prof. Dr. Paulo Eduardo Zanettini

Ms. Ângelo Alves Corrêa

Ms. Camila A. de Moraes Wichers

Arqueólogos Coordenadores



a,b. Atividades de laboratório.

c. Cerâmicas de produção local/regional bastante fragmentadas.

d. Fragmentos de faiança fina, *flow blue* Osborne Pattern, Inglaterra – século XIX.

e. Fragmento de xícara, porcelana Pozzani – século XX.

f. Fragmento de prato em faiança fina, *blue edged scalloped rim, curve lines*.

g. Pé-de-pote: cerâmica local/regional localizada no quintal da Casa 2.

h. Medalhinha de bronze.

i. Fragmento de prato em faiança fina, borrão azul.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. *O cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulinas, 1990
- ANDERSON, T E. *The Human Skeleton. Manual for Archaeologists*. Ottawa: National Museum of Canada. 1962
- ANGEL, J L. Bones can fool people. *FBI Law Enforcement Bulletin*: 16-30. 1974
- ARBENZ, G O. *Medicina Legal e Antropologia Forense*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu: 105-161, 193-206. 1988
- ARENAS, I V. Arqueologia, Ciência y Sociedad. *Boletín de Antropología Americana*. 14: 5-52, dec. 1988.
- ARIÈS, P. *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977
- ARIÈS, P. *O Homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v. 1 e 2, 1981.
- ARIÈS, Philippe. *The hour of our death*. Trad. Helen Weaver. Harmondsworth: Penguin, 1981a
- AUFDERHEIDE, A. C. ; RODRIGUEZ-MARTIN, C. *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge : Cambridge University Press, 1998
- AUFDERHEIDE, A. C. *The scientific study of mummies*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003
- BARKER, P. *Techniques of Archaeological Excavation*. New York: Universe Books. p. 96-100, 1977.
- BASS, W M, BIRKBY, W H, Exhumation: The Method Could Make the Difference. *FBI - Law Enforcement Bulletin*, Forensic Science, p. 6-11, jul 1978.
- BASS, W M. *Human Osteology: A Laboratory and Field Manual*. 4ª ed. Columbia: Missouri Archaeological Society. 1995.
- BASS, W M. Outdoor decomposition rates in Tennessee. In. HAGLUND, W D, SORG, M A (orgs). *Forensic Taphonomy: the postmortem fate of human remains*, Boston: CRC Press, p. 181-186, 1997.
- BASS, W M. Overview (Anthropology). In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 197-198, 2000.
- BASS, W M. The Excavation of Human Skeletal Remains. SPIER, R F G. *Field Handbook on the Human Skeleton*. Missouri Archaeological Society, Columbia. p. 39-51, 1962.

- BASTOS, R.; SOUZA, M.; GALLO, E. H. *Normas de gerenciamento do patrimônio arqueológico*. São Paulo: 9ª SR-IPHAN, 2005
- BARKER, G. & GILBERSTON, D. (2000) *The Archaeology of Drylands: Living at the Margin*. Graeme Barker, David Gilbertson: Books.
- BAUDRILLARD, J A. *A Troca Simbólica e a Morte*. Edições Loyola, São Paulo, 1996
- BENNET, N A . *A Field Identification Guide for Human Skeletal Identification*. 2ª ed. Springfield, Illinois: C C Thomas, 1993.
- BINANT, P. *La Prehistoire de la Mort (Les premières sépultures en Europe)*. Paris: Editions Errance, 1991
- BOWERS, C. M.; BELL, G.L.(Eds.) *Manual of Forensic Odontology*. 3.ed. Canada: American Society of Forensic Odontology. 1997.
- BRAET, Herman; WERNER, Verbeke (eds.) *A Morte na Idade Média*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996
- BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.) *Handbook of Archaeological Sciences*. New York: John Willey & Sons. 2001.
- BROTHWELL, D R. *Digging up Bones*. 3ª ed. London: British Museum, Oxford University Press. 1981.
- BROTHWELL, D.R. (org.) *Dental Anthropology*. New York: Macmillan, 1963.
- BUIKSTRA, J. E.; GORDON, C.C. The Study and Restudy of Human Skeletal Series: The Importance of Long-Term Curation. In. CHANTWELL, A.M.; GRIFFIN, J.B.; ROTHCHILD, N.A. The Research Potential of Anthropological Museum Collections. *Ann, N.Y. Acad. Sci.* v.376, p. 449-465, 1981.
- BUIKSTRA, J.E., UBELAKER, D.H. (eds.). Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains, Proceedings from a Seminar at the Field Museum of Natural History. *Arkansas Archaeological Survey Research Series*. Fayetteville:Arkansas Archaeological Survey. (44), 1994.
- BUIKSTRA, J.E.; BECK, L. *Bioarchaeology: the contextual analysis of human remains*. 1.ed. [s.l.]: Academic Press, 2006
- BYERS, S.N. *Forensic Anthropology Laboratory Manual*. 2.ed. [s.l.]: Allyn & Bacon, 2007 b
- BYERS, S.N. *Introduction to Forensic Anthropology*. 3.ed. [s.l.]: Allyn & Bacon, 2007 a
- CHAMBERLAIN, A. *Demography in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CHAPMAN, R, RANDSBORG, K. Approaches to the archaeology of death. In. CHAPMAN, R. KINNES, RANDSBORB (eds) *The Archaeology of Death*. Cambridge: Cambridge University Press., p. 1-24, 1981

- CLEMENT, J. G. Odontology. In. SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (Eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 1129-1137, 2000.
- CONNOR, M. *Forensic Methods: Excavation for the Archaeologists and Investigators*. New York: Alta Mira Press, 2007
- COX, M. Assesment of age at death and sex in the adult human skeleton. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.) *Handbook of Archaeological Sciences*. New York: John Willey & Sons. p. 237-247. 2001.
- COX, M.; MAYS, S. *Human Osteology: in Archaeology and Forensic Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- COX, M.; FLAVEL, A.; LAVER, J.; WESSLING, R. (eds.) *The Scientific Investigation of Mass Graves: Towards Protocols and Standard Operating Procedures*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007
- D'ANASTASIO, R.; CAPELLI, A.; CARAMIELLO, S.; CAPASSO, L. Paleopathology of the mummy of santa Rosa da Viterbo (Central Italy, XIII Century AD). VERGHETTA, M. La; CAPASSO, L. (eds.) *Proceedings. XIII th European Meeting of the Paleopathology Association. (Chieti, 2000)*. Italy: Edigrafital S.p.A. Teramo. p. 85-89, 2001.
- DUPRAS, T. L.; SCHULTZ, J. J.; WHEELER, S.M.; WILLIAMS, L. J. *Forensic recovery of human remains: archaeological approaches*. [s.l.]: CRC Press, 2005
- DURING, E. M. The swedish royal princes Anna Vasa – her life and skeletal remains. VERGHETTA, M. La; CAPASSO, L. (eds.) *Proceedings. XIII th European Meeting of the Paleopathology Association. (Chieti, 2000)*. Italy: Edigrafital S.p.A. Teramo. p. 97-102, 2001
- FEREMBACH, D, SCHWIDETZKY, I, STROUHAL, M. Recomendations for age and sex diagnose of skeleton. *Journal of Human Evolution*. 9:517-549, 1980.
- FIORATO, V, BOYLSTON, A, KNÜSEL, C. (eds.) *Blood Red Roses*. Oxford: Oxbow Books. 2000.
- GARLAND, A N, JANAWAY, R C (eds.) *Death, Decay and Reconstruction*. Manchester: Manchester University Press. 1987.
- GNOLI, G.; VERNANT, J P. (dir.) *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press/Paris: Eds de la Maison des Sciences de l'Homme, 1982
- GODOY, O.R. de. Sobre esqueletos encontrados no prédio da Faculdade de Direito. In: *Archivos de Polícia e Identificação*. São Paulo: Typ. do Gabinete de Investigações, 1: 57-83, 1936
- GOLDBERG, P, NASH, D T, PETRAGLIA, M D (eds.) *Formation Processes in Archaeological Context*. Wisconsin. Monographs in World Archaeology, Prehistory Press, Madison. n. 17, 1993.

- GUEDES, S P L de C. *Atitudes perante a morte em São Paulo (séculos XVII a XIX)*. Dissertação (mestrado). São Paulo: FFLCH-USP, 1986
- HAGLUND, W. D.; SORG, M. H. *Advances in Forensic Taphonomy. Method, Theory, and Archaeological Perspectives*. Washington DC: CRC Press, 2002
- HANNON, T. J. The cemetery: a field of artifacts. In. WARD, A E (ed.) *Forgotten places and things: archaeological perspectives on American History*. Contributions to Anthropological Studies. Albuquerque: Center for Anthropological Studies. n. 6, 1983
- HEIZER, R F, GRAHAM, J A . Excavation and recording of skeletal remains. *A Guide to Field Methods in Archaeology – Approaches to the Anthropology of the Dead*. California: The National Press, Palo Alto. p. 109-121, 1967.
- HERRING, A.; SWEDLUND, A. C. *Human Biologists in the Archives: Demography, Health, Nutrition and Genetics in historical populations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003
- HESTER, T.R., HEIZER, R.F., GRAHAM, J.A . *A Guide to Field Methods in Archaeology*. Mayfield Press, Palo Alto, California, 1975.
- HILLSON, S. *Dental Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1996.
- HOSHOWER, L M. Forensic Archaeology and the Need for Flexible Excavation Strategies: A Case Study. *Journal of Forensic Sciences* . 43(1): 53-56, 1998.
- HOULBROOKE, R (ed.) *Death, ritual and bereavement*. London: Routledge /Social History Society, 1989
- HUMPHREYS, S C; KING, H (eds.) *Mortality and Immortality: the anthropology and archaeology of death*. New York: Academic Press, 1981
- HUNTER, J. R.; COX, M. *Forensic Archaeology – Advances in theory and practice*. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2006
- HUNTER, J.R. Archaeology. (Anthropology). In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 206-212, 2000.
- HUNTER, JR, ROBERTS, C, MARTIN, A. *Studies in Crime: A introduction to Forensic Archaeology*. Great Britain: Routledge. 2002.
- HUNTINGTON, R.; METCALF, P. *Celebrations of death: the anthropology of mortuary ritual*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992
- ISCAN, M Y. Anthropometry. (Anthropology). In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 284-289, 2000.
- ISCAN, M Y. Rise of forensic anthropology. *Yearbook of Physical Anthropology*. v. 31, p. 203-230, 1988.

- ÍSCAN, M.Y.; LOTH, S.R.; STEYN, M. Determination of racial affinity. In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 227-235, 2000.
- ÍSCAN, M.Y.; MC CABE, B.Q. Animal effects on human remains. In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 198-206, 2000.
- ISCAN, M.Y.; QUATREHOMME, G. Skeletal Trauma. (Anthropology). In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 270-276, 2000.
- JOUKOWSKY, M. Burials. In JOUKOWSKY, M. *A Complete Manual of Field Archaeology*. New York: Prentice Hall Press. P. 183-197, 1986
- KATZENBERG, M.A.; SAUNDERS, S.R. (eds.) *Biological Anthropology of the Human Skeleton*. 2.ed. [s.l.]: Wiley-Liss, 2008
- KENNEDY, K.A.R. Assessment of Occupational Stress. In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 212-217, 2000. Anthropology
- KINNES, I. Monumental function in British neolithic burial practices. *World Archaeology*, n.7, p. 16-29, 1975.
- KJOLBYE-BIDDLE, B. A cathedral cemetery: problems in excavation and interpretation. *World Archaeology*. N.7, p. 87-108, 1976
- KOMAR, D.; BUIKSTRA, J. *Forensic Anthropology: contemporary theory and practice*. Oxford: Oxford University Press, 2007
- KROGMAN, W M, ISCAN, M Y (eds.) *The Human Skeleton in Forensic Medicine*. Springfield/Illinois: Charles Tomas, 1986.
- LARSEN, C S. *Bioarchaeology: interpreting behavior from the human skeleton*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.
- LIMA, T A . De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo. v.2, p. 87-150, jan./dez. 1994
- LORÊDO, W M. *Manual de Conservação em Arqueologia de Campo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, p. 92-103, 1994 (Série Técnica)
- LOTH, S.R.; ÍSCAN, M.Y. Morphological age estimation. (Anthropology) In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 242-252, 2000.

- LOTH, S.R.; ÍSCAN, M.Y. Sex determination (Anthropology). In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 252-260, 2000.
- LOUREIRO, M A S. *Origem histórica dos cemitérios*. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras, 1977
- MAGALHÃES RAMALHO, Maria M B de. Memórias sepulcrais do convento de S. Francisco de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. V.4, n.1, p. 145-185, 2001
- MARTINS, J de S. (org.) *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983
- MAYS, S. *The Archaeology of Human Bones*. London: Toutledge. 1999.
- McKINLEY, J I, BOND, J M. Cremated Bone. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.) *Handbook of Archaeological Sciences*. New York: John Willey & Sons. p. 281-292. 2001.
- MENDONÇA DE SOUZA, S M F. *Aplicação de Funções Discriminantes à Estimativa de Sexo em Ossos Humanos Pré-Históricos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.
- MERBS, C F. Eskimo skeleton taphonomy with identification of possible polar bear victims. HAGLUND, W D, SORG, M H (eds.) *Forensic Taphonomy – The Postmortem Fate of Human Remains*. Washington DC: CRC Press, p. 249-262, 1997.
- MILLARD, A . The Deterioration of Bone. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.) *Handbook of Archaeological Sciences*. New York: John Willey & Sons. p. 637-647. 2001.
- MORIN, E. *O homem e a morte*. Lisboa: Editions du Seuil, 1970
- MORSE, D, DUNCAN, J, STOUTAMIRE, J (eds.) *Handbook of Forensic Archaeology and Anthropology*. Tallahassee, Florida, 1983.
- MORSE, D., CRUSOE, D., SMITH, H.G. Forensic Archaeology. *Journal of Forensic Sciences*. 21:323-332, 1976.
- MURPHY, E. M. (ed.) *Deviant Burial in the Archaeological Record (Studies in Funerary Archaeology)*. Oxford: Oxbow Books, 2008
- NICHOLSON, R A . Taphonomic Investigations. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.) *Handbook of Archaeological Sciences*. New York: John Willey & Sons. p. 179-190. 2001.
- OLIVEIRA, R N, SILVA, S F S M da, UCHÔA, D P, MESQUITA, R A, NUNES, F D. Presença de fungos na dentina humana: implicações arqueológicas e forenses. *Ciência Odontológica Brasileira*. 7(3): 87-90, jul/set. 2004.

- ORTNER, D. J. Dental disease and miscellaneous pathological conditions of jaws. In: ORTNER, D.J. *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. 2. ed. Oxford: Academic Press, p. 589-608, 2003.
- ORTNER, D.J., PUTSCHAR, W.G.J. Lesions of Jaws and Teeth. In: ORTNER, D.J., PUTSCHAR, W. *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains. Smithsonian Contributions to Anthropology*, n. 28, p.436-456, 1981
- PEARSON, M P. Mortuary practices , society and ideology: an ethnoarchaeological study. In . HODDER, I. (ed.) *Symbolic and structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 99-113, 1982
- PEARSON, M P. *The Archaeology of Death and Burial*. USA: College Station: Texas A & M University Press. 2002.
- PERRING, D. *Manuale di Archeologia Urbana*. Cooperativa Archeologica Lombarda. Grupo Archeologico Milanese. Suplemento 3, s.d.
- POIRIER, D. A., BELLANTONI, N. F. *In Remembrance: Archaeology and Death*. Bergin & Garvey, 1997
- RAGON, M. *The Space of Death: A Study of Funerary Architecture, Decoration and Urbanism*. Trad. por A. Sheridan. Charlottesville: University Press of Virginia. 1983.
- RAKITA, G.F.M.; BUIKSTRA, J.; BECK, L. A.; WILLIAMS, S. R. (eds.) *Interacting with the Dead: Perspectives on Mortuary Archaeology for the New Millennium*. Florida: University Press of Florida, 2008
- REICHS, K. J., BASS, W.M. *Forensic Osteology: Advances in the Identification of Human Remains*. 1998.
- REIS, J J. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991
- RIBEIRO, M. S. *Arqueologia das práticas mortuárias*. São Paulo: Alameda, 2008
- ROGERS, J, WALDRON, T. *A Field Guide to Joint Disease in Archaeology*. Great Britain. John Wiley & Sons. 1995.
- ROKSANDIC, M. Position of Skeletal Remains as a Key to Understanding Mortuary Behavior. In: HAGLUND, W D, SORG, M H. (eds.) *Advances in Forensic Taphonomy – Method, Theory , and Archaeological Perspectives*. Washington DC: CRC Press: .99-117, 2002.
- SAUER, N.J.; LACKEY, W.L. Skeletal Analysis. In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 260-270, 2000. Anthropology.
- SCHIFFER, M B (ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*. Academic Press, v.1, 1978.

- SCHMITT, A.; CUNHA, E.; PINHEIRO, J. (Eds.) *Forensic Anthropology and Medicine: complementary sciences from recovery to cause of death*. [s.l.: s.n.]. 2006
- SCOTT, D B, BETHESDA, M. S. Dental evidence in identification and criminology. GRADWHOL, R B H. *Legal Medicine*. St. Louis: The C.V. Mosby Company, p. 451-478, 1954.
- SHARER, R J, ASHMORE, W. The Nature of Archaeological Data. *Fundamentals of Archaeology*. The Benjamin /Cummings Publishing Company. p. 66-106, s.d.
- SIEGEL, J.; KNUPFER, G.; SAUKKO, P. (Eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. Academic Press., 2000
- SILVA MELLO, M G da. *Sistematização de critérios para diagnóstico diferencial entre paleopatologias e sinais de alterações análogas: fundamentos teórico-metodológicos*. Tese de doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 212pp. 1999.
- SILVA, F. A. Mito e Arqueologia. A Interpretação dos Asurini do Xingu sobre os Vestígios Arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu-Pará. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 17, p. 175-187, 2002.
- SILVA, S F S M da. Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2005.
- SILVA, S F S M da. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 15-16: 113-138, 2005-2006.
- SILVA, S F S M da. Um outro olhar sobre a morte: arqueologia e imagem de enterramentos humanos no catálogo de duas coleções: Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/ Museu de Arqueologia e Etnologia. 2001.
- SILVA, S F S M da. Ensaio Bibliográfico: Resenhas (CHAMBERLAIN, A . Human Remains. Interpreting the past. Trustees of British Museum Press. London, 1994, 64pp.). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo. 6:372-376, 1996.
- SILVA, S.F.S.M da; CALVO, J.B. Potencial de análise e interpretação das deposições mortuárias em arqueologia: perspectivas forenses. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 17: 469-491, 2007.
- SJOVOLD, T. Stature Estimation from the Skeleton. In SIEGEL, J.; KNUPFER,G., SAUKKO,P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 276-282 (Anthropology), 2000.
- SNOW, C C. Forensic anthropology. *Annual Review of Anthropology*. 11:97-131, 1982.

- SOFAER, J. R. *The body as material culture: a theoretical osteoarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006
- SOUZA, O M de. Nota sobre o valor dos caracteres não métricos para o diagnóstico sexual do crânio. *Revista de Antropologia*. 2: 11-18, 1954.
- SPRAGUE, R. A suggested terminology and classification for burial description. *American Antiquity*. 33(4): 479-485, 1968.
- SPRAGUE, R. *Burial Terminology: A guide for researchers*. New York: AltaMira Press, 2005
- STEELE, D G, BRAMBLETT, C A . *The Anatomy and Biology of the Human Skeleton*. USA. Texas A & University Press, 1989.
- STEWART, T D. *Essentials of Forensic Anthropology*. Springfield, Illinois, 1979.
- STEWART, T D. Evaluation of evidence from the skeleton. GRADWHOL, R B H. *Legal Medicine*. St. Louis: The C.V. Mosby Company, p. 407-450, 1954.
- STEYN, M.; ÍSCAN, M.Y. Bone Pathology and Antemortem Trauma in Forensic Cases. In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 217-227 (Anthropology), 2000.
- STEYN, M.; NIENABER, W.C.; ÍSCAN, M.Y. Excavation and retrieval of forensic remains. In SIEGEL, J.; KNUPFER, G., SAUKKO, P. (eds.) *Encyclopedia of forensic sciences, three-volume set, 1-3*. [s.l.]: Academic Press. p. 235-242, 2000.
- TAVARES, A. C. P. *Vestígios materiais nos enterramentos na antiga sé de Salvador: postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista*. Recife: UFPE, 2006 (Dissertação de Mestrado).
- UBELAKER, D H, BLAU, S. *Handbook of Forensic Anthropology and Archaeology*. (World Archaeological Congress Research Handbooks). [s.l.]: Left Coast Press, 2008
- UBELAKER, D. H. Taphonomic Applications in Forensic Anthropology. HAGLUND, W D., SORG, M. H. (eds) *Forensic Taphonomy. The Postmortem Fate of Human Remains*. CRC Press, New York, 77-90, 1997.
- UBELAKER, D.H. *Human Bones and Archeology*. Cultural Resource Management Series. Washington: Interagency Archeological Service, Heritage Conservation and Recreation Service, U.S. Department of the Interior. 1980.
- UBELAKER, D.H. *Human Skeletal Remains, Excavation, Analysis, Interpretation*. 2ª ed. Washington, D.C.: Taraxacum, 1989.
- VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. Um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972, 2v.

- VETH, P.; SMITH, M. & HISCOCK, P. (2005) *Desert Peoples: Archaeological Perspectives*. Wiley-Blackwell.
- VOVELLE, M. La mort et l'Occident. Paris: Gallimard, 1983
- WHITE, T D, FOLKENS, P A . Human Osteology. London: Academic Press. 2000.
- WHITE, T. D., FOLKENS, P. A . The Human Bone Manual. London: Academic Press. 2005
- WHITTAKER, D.K.; MACDONALD, D.G. A Colour Atlas of Forensic Dentistry. England: Wolfe Medical Publications Ltd. 1989.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. (2008a). Programa de resgate do patrimônio Arqueológico, histórico e cultural EF CIA Ferroviária do Nordeste – CFN. Trecho 3 – Cabo (PE) A Propriá (SE). Relatório final.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. (2008b). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico da Ferrovia Transnordestina, Trecho Salgueiro – Porto de Suape, Estado do Pernambuco. Relatório Final da Etapa de Prospecções Extensivas e Interventivas.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. (2008c). Programa de Resgate Arqueológico Ferrovia Transnordestina Trecho Salgueiro – Trindade, Estado do Pernambuco. Termo de Conclusão de Campo.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. (2008d). Programa de resgate do patrimônio arqueológico, histórico e cultural Ferrovia Transnordestina. Trecho Missão Velha – Salgueiro, Estados do Ceará e Pernambuco, Relatório Final.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA (2009a). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico. Ferrovia Transnordestina. Trecho Trindade – Eliseu Martins, Trecho Salgueiro – Porto de Suape, Trecho Missão Velha – Porto Pecém. Relatório Final Consolidado das Prospecções Extensivas e Interventivas.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA (2009b). Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural. Ferrovia TRANSNORDESTINA, Trecho Salgueiro – Trindade, Pernambuco. Relatório Final.

ANEXO 1

Relação das imagens e objetos sacros da capela

- 1) Telha de São José: imagem colorida impressa em papel e colada sobre telha decorada envernizada: 49,5cm comprimento, larguras: 11,5cm superior, 14cm meio, 14,5 inferior; localização: na parede, à esquerda do altar central;
- 2) Nossa Senhora de Fátima: imagem em gesso policromado com fraturas e sinais de restauro com goma arábica. 29,5cm altura, 8cm largura máxima, 7cm largura da base, localizada no altar central;
- 3) Vaso com rosas e margaridas artificiais: madeira (vaso), tecido, plástico, arame: 10cm largura por 19,5cm altura (vaso), 45cm (altura total com flores), localizado no altar central;
- 4) Espírito Santo, imagem em gesso policromado, com fratura e sinais de restauração com fita adesiva: 22,5cm altura, 18cm largura (extremidades das asas), 6cm largura (base), localizado no altar central;
- 5) Sagrado Coração de Jesus, imagem em resina policromada, dedos das mãos fraturados: 21,5cm altura, 7,5cm largura máxima e 10cm largura da base; localizado no altar central;
- 6) Nosso Senhor Jesus Cristo, imagem da face com coroa de espinhos em estrutura circular de gesso policromado, 20cm diâmetro, localizado na parede , à esquerda do altar central;
- 7) Castiçal com vela, em louça: 23cm altura, 3,5cm menor largura, 10,5cm largura da base, localizado no altar central;
- 8) Santo Antônio, espuma policromada, 38cm altura, 12cm largura no centro, 10cm largura da base, localizado no altar central;

- 9) Vaso de vidro (globo de luminária) com planta natural sobre um prato pequeno, 14cm altura, 15cm largura (vidro), localizado no altar central;
- 10) Nossa Senhora, imagem em gesso policromado, com a face e base fragmentadas, 53cm altura, 15cm largura, localizada no altar central;
- 11) Vaso de vidro com ornamentos artificiais, 19cm diâmetro da base, 7cm altura do vaso, localizado no altar central;
- 12) São José, gravura colorida, moldura de madeira com alumínio, vidro e metal, 19cm altura, 13,5 largura, localizado no altar central;
- 13) São Luiz Gonzaga, imagem em madeira esculpida, assinada e datada, 63cm altura, 22cm largura do meio, 20cm largura da base, localizada em pequeno altar atrás da porta dupla da capela, junto do vértice SE da capela;
- 14) São Luiz Gonzaga, imagem em gesso policromado, base de madeira, assinado, 135cm altura, 40cm largura do meio e 37cm largura da base, localizado no centro do altar central;
- 15) Castiçal, louça com margaridas policromadas.